

NÚMERO Ø

2021/2022 e 2022/2023

REVISTA LITERÁRIA

F A

R

P A

MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

FICHA TÉCNICA

Edição:

Lia Cachim
Ninna Abreu

Comissão Editorial:

Andréa Zamorano
Andréia Mariano
Beatriz Ryder
Catarina Canas
Pedro Rosário

Coordenação:

Graça Capinha
Manuel Portela

ÍNDICE

I EDIÇÃO

Andréia Mariano	4
Catarina Canas	6
Filipe Silva	10
Isabel Maia	13
Ninna Abreu	16
Sandra Acosta	20

II EDIÇÃO

Ana Carolina Braz	26
Ana Pires	29
Andréa Zamorano	33
Bárbara Vilela	38
Beatriz Ryder	40
Chico Guazzelli	45
Cristina de Campos	48
Gabriel Gomes	53
Lia Cachim	57

Matilde Russo

60

Pedro Rosário

64

Raquel Nunes

66

Sónia Pereira

72

Teresa Vasconcelos

78

E.feito

Da mina

língua - opala

opaca, parca, rala

patri.arca

a.barca

f/c.ala

Da minha

letra rara

só sai nó

pó e pá-

lavra

que fé - cunda

lava-

se der.r.ama

lama

que cri.a.

ção

safas

safras

do

Domini.o-

dominO

(´)

Isca

A metáfora insuficiente
chora sua incapacidade
em ser régua ou cor
contígua como a linha
de pesca que busca
as pedras do rio
e a conquista
da meta
fora de alcance
está anêmica
ou anímica – o método
não lhe satisfaz.

Fora, em verdade,
o anzol
abocanhada pela fome
da incompreensão
insuficientemente tênue
incapaz de se esticar
presa no canto inferior esquerdo do lábio escamoso
ficou de fora
da meta
projetada
quando ousou
pescar

CATARINA CANAS

Oficina de Poesia

c(q)ouves

o **q**ue são palavras
quem são as palavras
para **q**uem são as palavras
para **q**ue servem as palavras
quem servem as palavras
o **q**ue servem as palavras
servem-se frias ou **q**uentes ?
quadradas ou redondas

as palavras são promíscuas
vendem-se a qualquer dicionário
que lhes prometa um lugar

até precisava de algumas
para escrever um poema
mas depois de saber disto desisti

vou comprar couves
e fazer caldo-verde

Afinal os duendes gostam de rosas

(Final de tarde, mãe sofisticada, sentada no sofá de pele natural de cor branca, fumando um cigarro através de uma boquilha estilo anos vinte. Filha de oito anos entra a correr pela sala dentro, suada e agitada, e salta para cima do sofá com as botas cheias de terra)

filha : mãe, anda um duende no jardim

(soprando halos de fumo, e olhando com desdém para a terra espalhada pelo sofá, a mãe sopra)

mãe : filha, nós não temos jardim

(a filha, continuando aos saltos no sofá, insiste)

filha : mãe, eu vi perfeitamente, ele andava a nadar na piscina

(a mãe faz pausa para respirar e pousa o cigarro num cinzeiro de murano)

mãe : filha, nós não temos piscina

(com os olhos esbugalhados, a filha quase grita)

filha : mas ele até levou para lá o nosso cão no colchão insuflável !

(a mãe já denotando algum enfado com a conversa e agora sem o apoio do cigarro)

mãe : filha, nós não temos cão

filha : mas mãe, ele depois roubou a bicicleta e fugiu com ela

mãe : filha, nós não temos bicicleta

(à procura de algo que possa obrigar a mãe a dar-lhe atenção)

filha : desculpa mãe, mas quando ia a fugir na bicicleta bateu no jipe

(a mãe solta suspiro profundo e falando já um pouco mais depressa)

mãe : filha, nós não temos jipe

filha : e depois ainda deixou o portão aberto

mãe : filha, nós não temos portão

filha : mãe, mãe, ele também arrancou flores do canteiro das rosas

(a conversa começa a acelerar)

mãe : filha, nós não temos canteiro de rosas

filha : mas mãe, se nós não temos canteiro de rosas nem jardim, como é que o duende andava na piscina ?

mãe : filha, pergunta ao cão

(com os olhos muito abertos e quase em cima da mãe)

filha : mãe, tu disseste que nós não tínhamos cão

(a conversa sobe de tom e a mãe já deita fumo mesmo sem cigarro)

mãe : pois não filha, foi atropelado pelo jipe

filha : mas mãe, tu disseste que nós não tínhamos jipe

mãe : pois não filha, o portão ficou aberto e foi roubado

(a filha dá um salto para o chão depois de ver que os saltos no sofá não fizeram a mãe perder a paciência)

filha : mãe, tu também disseste que não tínhamos portão

mãe : pois não filha, andaram aos saltos para a piscina e os salpicos de água avariaram o mecanismo de abertura, tivemos que o tirar

filha : mãe, tu também disseste que não tínhamos piscina

(a mãe aparentando ter recuperado a calma)

mãe : filha, estava sempre cheia de duendes tivemos que a tapar

filha : mãe, então porque é que os duendes voltaram?

mãe : devem ter vindo apanhar rosas

(a mãe suspira e sossega)

(a filha olha para a jarra em cima da mesa e vê que está cheia de rosas. Ao olhar para a porta que dá para o jardim e que está entreaberta, vê o duende a escapar-se sorrateiramente)

Portuglish Velocirhythmo

“Velocidade”

Não é assim tão rápida

Quanto pronunciada em português

But if you change it to english

You'll see an increase in speed

Because you said the word “velocity” in a flash

Na língua de Camões também temos o “instante”

But even this word in Shakespeare's language is faster, it's an “instant”

Can portuguese win?

Pode a língua inglesa diminuir o ritmo?

...

...

É isso, esta dá para ganhar: ritmo!

Yeah, I'll grant this one: rhythm.

Or is it just shorter?

Tu disseste que ganhava, então vou fugir com esta vitória

So I'll try to catch you

And when I'll do it

Then I will escape.

E eu apanho-te.

No autocarro

“ ♪ *Guess who's back*
Back again
Shady's back
Tell a friend ♪ ”

Nã, esta música nunca tocaria num autocarro.

Não importa saber de onde o Sérgio vem nem o que foi fazer fora de casa. Afinal, ele também não publica nas redes sociais, então não é importante. O que é curioso é que o Sérgio tem a pretensão de parecer um bad boy quando tem uma carinha de Teddy bear. Porque é que isto é importante? Por nada, mas leiam. Sentado na penúltima fila do autocarro (a última está reservada para os gunas), Sérgio senta-se à janela e coloca a pasta no outro lugar. Este é um bom sítio, normalmente, para não ser incomodado nem para os outros pedirem para se sentar. Mas sempre há exceções, principalmente quando o autocarro se encaminha para encher. Então uma moça faz um pedido:

“- Posso sentar-me?”

“-...”

Sérgio não responde verbalmente. Limita-se a tirar a mochila sem nem sequer olhar para a rapariga. Claro está que ele reparou que era bonita, daí ter mais dois motivos para não olhar. Primeiro, aquele que referi: armar-se em mauzão (como se todas as miúdas gostassem de fanfarrões). Segundo, evitar fazer alguma careta porque quem sabe que não tem ar de popular também tem consciência que um deslize pode levá-lo a ser gozado por estranhos que nunca mais o vão incomodar e isso é mau. (É?)

Sérgio olha para o telemóvel porque não tem nada para fazer. Nem sequer queria fazer nada nele, mas estar sempre na mesma posição também pode ser estranho. Começa a estalar os dedos, outro sinal de macho alfa para a loba ao seu lado. Claro que esta ignora, aliás, nem se apercebe com os fones. Fechar os olhos agora também não é opção. Ainda acaba a dar uma cabeçada no vidro. Felizmente só faltam duas paragens para sair. Agora há apenas que dizer...

“- Vou sair na próxima.”

Ahahah! Apenas uma frase para dizer e a voz saiu baixinha e trémula, mesmo a condizer com a postura de mau da fita.

A rapariga levanta-se e deixa-o passar. Também ela não diz nada. Pode ser que nem tenha reparado na eloquência do Serginho.

POEMA com ritmo flutuante

não
 escrevo
para que
me não leias
não
 posso
explicar a água
se não
compreendes o vento
a
essência
das coisas
não
se explica

interpretar
só o profano
não o divino

POEMAS sem tom nem som

a máquina de lavar louça
acabou o programa
e
o alarme entrou pelo buraco da fechadura
como um silvo agudo
de sirene.

a máquina de lavar louça serve para lavar a louça
de quem ainda
possui louça para lavar

ali onde se ouvem as sirenes
milhares de pessoas
agora
não têm louça para lavar

um míssil
destruiu a máquina a água os tubos
a parede onde a máquina se encostava

ontem a menina esqueceu-se da boneca
em cima da máquina

hoje nem máquina
nem louça nem boneca nem menina

que todos os programas
de todas as máquinas
do mundo

parem
para não nos perturbarem
a conversa

faz-me falta
conversar consigo,
esperadora de frangos

os deuses malditos das palavras
disseram
que toda a metafísica do mundo
está
em esperar frangos

a preencher vazios

cigarros pela metade
gatos ao sol

café aguado –
muito açúcar

cumprimentos –
pequenos
sutis –
a desconhecidos

conversas altas
comida caseira
feijão
folia

medo –
de escuro
de assalto
de polícia

paranoia

dentes –
em sorrisos
na boca do velho

vogais

a pedra –
solta
inquieta
de Drummond

Sem H

A luz fraca da noite, mais bem-vinda que a forte do dia, entra pela janela da sala de estar, com cortinas rasgadas e um cheiro forte de mofo. A fumaça do cigarro recém-tragado infesta a saleta – sufocamento palpável. Há música... Vem da vitrolinha materna, o ser vivo do ambiente. O papel de parede florido descasca, por dentro e por fora de Elena – sem H. Sozinha, 40 e poucos anos, 40 e poucos quilos. O apartamento todo é escuro e úmido, como seus olhos. Olhos que pareciam vermelhos ao sol, quando havia sol, são agora sempre escuros. O sofá vermelho apodrecido, há uma mancha de sexo, feita por não se sabe quem e não se sabe quando. Uma mola desponta do estofado duro, como que impedida de fugir, e a espuma esparrama-se como desistência materializada. Filha mais nova, nascida de surpresa, em momento inoportuno – um deslize amado ainda assim. O chão escuro de tábua corrida, sujo, empoeirado, coberto por um tapete bordô carcomido pelo tempo, abriga um cinzeiro virado para baixo, cinzeiro acostumado com o chão frio.

Alguém bate na porta, com força mesmo, naquela porta triste, desamparada, que só apanha. Um grito bruto vem de fora “ELENA!!” e bate mais na porta, pobre porta... Ela que nunca fez nada. “ELENA, ABRE ESSA COISA!” Coisa, sim, a porta é coisa e, por ser coisa, não é. Como sempre, quase uma hora até o punho desistir e a voz cessar, quem sabe Elena não está em casa, não é? Estranho, porque Elena sempre está em casa, desde que a mãe... Bem, desde que os passeios no parque se tornaram motivo de pânico. A mesa de centro, tombada em três pernas quase inteiras, joga-se na desistência da porta, e assim desiste com ela. Uma lágrima desce fresca e salgada pelo rosto de quem se deita ao seu lado. A mesa de centro, que, como a porta, não é, faz companhia a todos os outros não seres, e aquele outro que deixa de ser por conta própria. Mais uma vez, mais um soco na porta machucada, um miado engasgado de irmão mais velho e cansado, “Elena, Leninha, saia, por favor?” Podre por dentro, como a porta esmurrada, um dia morta, outro a morrer. “Leninha, já tem oito anos...” Se permanecer encolhida, muda, ele vai embora – ela sabe. “Leninha...” Ela espera.

A porta é indigna de amor por não ser, a mesa, o sofá, o cinzeiro, Elena. Dois minutos e para novamente. Ouve-se melhor a vitrolinha materna sem os apelos. O ruído da agulha contra o disco, as mesmas notas em um ciclo infinito. A voz de gravação antiga inunda toda a sala; o ruído chamuscado acolhe e afoga. Uma garrafa de vodka no chão, vazia, e perto dela uma poça de vômito. Um vômito escasso, ralo. Mulher nua, fraca, levanta-se aos poucos, apoia-se no sofá roto e chora em Si – menor com sétima. Mi menor com sétima. A voz que sobe e desce em uma rápida, mas suave onda. Elena que se arrasta lenta e pesada atrás de mais álcool "*e o muito muito que te quero*". Fracasso morto, peso quase vivo, o coração inexistente e o fígado se foi. Ela passa a mão sobre a mancha, imaginando como é o gozo de um alguém. O que era o gozar... De gente. Elena, na sua carência toda, aloja-se inquieta no canto da mesa quebrada, bem pertinho do cinzeiro caído, e mia. Mia alto, dengosa, "cadê a vida?", sem afinação alguma de Elis Regina.

Dentro de Elena, a matéria pútrida calada. Ela tem nojo, veja. Nojo daquela falta de ser, engole álcool para vomitar a morte. Encolhida, sorradeira, continua a desafinar inquieta, com pena da falta de si. Menos que sentir por dentro como sentimento que a música passa a quem vive, Elena sente as vibrações físicas. Os cabelos bagunçados, os dentes caindo... Parece Fantine. Sabe Fantine? Ela parece Fantine sem Cosette. A realidade inverte a ficção.

O caminho até a porta é muito longo, muito difícil. O que é aquilo nela? Por que é tão diferente e ninguém vê? O corpo pálido, quase cinza, marcado por feridas invisíveis, carrega a falta de vivacidade e a deselegância da perda. Não que ela pense, não; ela espera. A magreza cabe no leito de madeira tampado, o semblante de espera. Nua, os seios que nunca foram fonte de nada, caem em inexistência. Joelhos feridos, cortes que não sangram do vidro de outras garrafas. Espera as necroses se exteriorizarem, espera notarem o odor. Quanto tempo para notarem? A agulha arranha o disco, chamusca no ouvido como chamusca o cabelo queimado de cigarro. Como ninguém reparou ainda?

Assim, Elena espera. Porque não é gente, é corpo que espera inumação. Elena sem H. Hora. Hera. Elena sem a invisível, perecível, provisória humanidade.

O que o CEO disse ao Tom

Poesia? Isso é hobby.
Eu jogo beach tennis.
Bobbi coleciona sneakers.

Não é nem um job. ROI nulo.
Sem potencial de valorização.
Antes ser um Social Media.

Arte, somente na parede
da sala do Board, natureza morta.
Agrada sem chocar.

Precificar meia dúzia
de verbos e letras?
Só se for dos meus papéis.

Aqui a gente respeita
a diversidade de cada fellow.
Desde que performe-- no fucking target.

Quem diz o que é poesia, btw?
Se não tá no manual
do Buffett, não pode ser real.

Eu ganho bônus, saúde top care,
sete-dígitos, car allowance,
mas eu sou C-level.

Manda quem pode,
obedece quem não tem
MBA e imersão em Silicon Valley.

Palavras curtas, palavras longas,
fastio tolerável de Legal & Compliance.
Poesia só no Family Day.

Eles são vagabundos, comunistas,
todos alienados.
O que você escreve é bullshit.

Meu Mentor Mr. Amador mandou por
uma placa gigante no Banco pro povo
entender:
“Só o trabalho pode produzir riqueza”.

Inspirada pelo poema “What the Chairman Told Tom” de Basil Bunting

Zoom

0,5x

na corrida por coimbra

passo os olhos por

ruas rios raios

de sol -- avisto

a baixa, paro o relógio

1x

na caminhada pela baixa

passo os olhos por

prédios portas placas

de preços -- avisto

a feira de velharias, desvio o caminho

2x

na flanada pela feira de velharias

passo os olhos por

vasos vidros vinis

de vinícius -- avisto

a caixa de fotos, desloco o foco

4x

na olhadela pela caixa de fotos

passo os olhos por

famílias flores filhos

de portugal -- avisto

a capa de foto, pego a folha

8x

na análise da capa de foto
passo os olhos por
 av.yara 49 osasco
de são paulo -- avisto
a foto do casal, toco a relíquia

16x

na fruição da foto do casal
passo os olhos por
 marido mulher mensagem
do irmão -- avisto
a identidade do homem, compro o retrato

32x

na procura da identidade do homem
passo as imagens por
 whatsapppraminhamãequeé
de osasco -- avisto
a poesia do acaso, cogito a negativa

64x

na ânsia da poesia do acaso
passo os olhos pela
 páginosascantig
do facebook -- avisto
a magia da internet, faço a postagem

128x

maria antunes mencionou você em um comentário:
 “eles são meus tios
 minha tia Augusta e meu tio João
 meu coração até acelerou
 estou emocionada, meus tios”

v. Yara, 49

OSASCO

S



dedicado ao meu irmão Antonio
em recordação da visita de
meu ao Brasil S. Paulo R-11-6
João Martins Jr

II EDIÇÃO

2022/2023

Matrioska

Houve um tempo em que habitavam o mesmo espaço. Aonde uma ia, as outras iam também. Naquela morada, não se sabia onde uma começava e terminava para a outra começar. Avó-mãe-neta. Enquanto a do meio crescia mês a mês, dentro dela desenvolviam-se quase infinitos pontinhos menores que a cabeça de um alfinete. E quando a hora se aproximasse, apenas uma parte deles poderia um dia ser abrigo. Houve um tempo em que a filha virou mãe e que carregava dois corações e mais milhões que poderiam ser. E, dentre aquelas muitas possibilidades, ela já existia. Houve um tempo em que um daqueles outros mais de trezentos mil pontinhos de outrora transformou-se em casa. Lar preparado há tempos, desejado e que se expandiu entre potes de álcool, máscaras e zaragatoas e o medo do invisível. Tempos sem abraços, nem confiança muito menos a oportunidade de chorar e velar aquela que foi sua primeira casa. Houve um tempo em que a avó também foi filha e numa partezinha sua, direita ou esquerda, existia uma centelha daquela que viria a ser a mais parecida com a que as carregava. Gestada em meio a incertezas noticiadas em ondas de rádio. Houve um tempo em que a avó foi a neta entre milhões. Enquanto cresciam, a vida parecia florescer após anos assombrados por minúsculos não-seres vivos, máscaras e especulações sobre de onde realmente teriam vindo.

A repartição

No final da rua sem saída, escondida por andaimes e tapumes das obras na sua fachada externa, está a repartição. Composta por duas entradas, uma para heranças, outra para cobranças, organiza seus visitantes por objetivo. Na primeira entrada, logo após a porta, há um quadro de avisos, ostentando a campanha de impostos do ano de 2008, o aviso do novo sistema informático para declaração de imposto de renda e a máquina de senhas, que já viu melhores dias sem todas aquelas fitas adesivas coladas umas sobre as outras, para no fim das contas avisar a quem chega que não funciona e que tenham em consideração a ordem a que chegaram ao recinto.

Na segunda entrada, trinta degraus cinzentos, retos, desgastados no centro e amparados por um corrimão igualmente cinzento, conduzem a uma mesa de metal, com um papel cartão dobrado fazendo as vezes de calço do pé direito, uma cadeira de madeira cujo assento está revestido com napa verde-militar, é protegida por uma barreira de acrílico, herdada da pandemia. No ar, o difusor com um *blend* de álcool 70%, naftalina, eau-imitação-daquela-perfume-francês-carro e traços do incenso de pau-santo da mesa três do fundo do corredor. A depender do horário, outras notas aromáticas entram na mistura: o café-tomado-apressadamente, o tédio-da-espera, a frustração-de-querer-passar-à-frente, o hidratante-pós-banho, o-cigarro-do-meio-da-manhã, a-fritura-da-mesa-do-fundo-do-restaurant, o-suor-do-final-do-dia, o-combustível-do-automóvel. Uma voz feminina, meio rouca, meio sem vida, cumprimenta, pergunta e direciona. Alteração de nome, mesa 1. Pagamento, mesa 2. Regularização, mesa 3. Aguarde, é mesa 1 também, mas aquela senhora vai primeiro. Tem horário agendado? Não, então espere que faço isso por si. Herança? Era na entrada 1. Retificação, mesa 4, pode entrar.

Pelo chão cinzento com pedrinhas bem pequenas pretas e douradas, passam os pés, alguns apressados, outros com medo, outros, ainda, confusos. Vão, uns atrás dos outros, seguindo as instruções da voz da entrada. Com passos quase ritmados, desaguam cada qual a seu destino. Na Mesa 1, os tênis brancos e um pouco sujos encontram-se com os mocassins castanhos e as solas gastas. Puxam a cadeira, quase arranhando o chão cinzento. Um pigarreio sonoro reprova o deslocamento e, com base nesta primeira tentativa de agressão ao chão do santuário, todo o ritmo do atendimento é definido. Lento, burocrático, quase irritante. Mesa 2, botas de camurça tímidas são recebidas por sapatos de couro preto, acabadinhos de receber graxa. Sapatos bem-humorados, risos, amenidades, dois ou três cliques, um comando para a impressora, um visto no papel e já está.

Mesa 3. Sapatos de senhora ortopédicos deslizam pelo chão suave, brilhante. A cadeira move-se lentamente, pronta para receber os quadris octogenários e recém-viúvos. As mãos enrugadas pousam sobre a mesa limpa. Do lado direito, os lápis e as canetas, organizados por tamanho, função e cor, coabitam pacificamente no porta lápis cor-de-rosa. Do lado esquerdo, as gavetas de correspondência parecem satisfeitos em seus afazeres: a gaveta um é de assuntos urgentes, a dois é para pendências, a três para documentos por levantar, a quatro para assuntos pessoais. O computador gaba-se por ser o mais bem tratado da repartição: fica elevado, num local feito exclusivamente para ele, os teclados recebem a visita do mini-aspirador todas as manhãs, a impressora tem seus fios identificados por fitas coloridas e sem qualquer sinal de pó. Na parede da divisória, cinzenta também, mora um quadro de avisos, com post-its coloridos, dispostos num degradê suave em tons pasteis. A voz solícita ouve a descrição, os olhos atentos leem a correspondência, os dedos diligentes rastreiam o erro e com alguns poucos comandos resolvem o problema. A cadeira move-se, a despedida, ainda é triste, porém agora está aliviada. Do outro lado da mesa, dois toques no ombro idoso retribuem a despedida, sem esconder o quão felizes estão em ajudar. Ali, naquela ilha, com cheiro de bergamota e jasmim, o controle foi assegurado e a ordem é irmã da satisfação.

se numa noite de inferno

*Agora estás no autocarro, de pé, no meio das pessoas, agarrado por um braço a uma pega de cabedal e começas a desfazer o embrulho com a mão livre, com gestos um tanto à maneira do macaco que quer descascar uma banana e ao mesmo tempo continuar agarrado ao ramo. Olha que estás a dar cotoveladas aos vizinhos; ao menos pede desculpa. (Italo Calvino, *Se Numa Noite de Inverno um Viajante*: cap. I)*

Agora estás no comboio, sentado, numa carruagem vazia de pessoas, agarrado ao teu casaco de cabedal e começas a desfazer a sandes de atum que ela preparou, com gestos distraídos, um tanto à maneira de um gato que quer livrar-se do pão para chegar ao peixe. Olha que estás a sujar o banco; ao menos limpa tudo.

Agora estás no táxi, esmagado entre um velho e uma adolescente, agarrado ao banco dianteiro que cheira a sovaco e começas a desfazer no velho, gesticulando de forma ofensiva, como se fosses um louco evadido do hospício mais próximo. Olha que estás quase a ser expulso do táxi; ao menos paga a viagem.

Agora estás na rua, a correr no meio das pessoas, agarram-te por um braço e começas a fazer manguitos com a mão livre, deixando visível a tua pulseira de cabedal, um gesto infantil à maneira *punk* ou apenas típico de uma juventude suburbana. Olha que estás a ficar com uma tendinite; ao menos vai ao médico.

Agora estás na rádio, a falar para um microfone que agarras como um charuto, e começas a cantar ao ritmo do metrónomo criado pelos dedos da mão livre, um gesto inconsciente nascido nas aulas de música da tua infância. Olha que estás a dar cabo dos tímpanos dos ouvintes; ao menos baixa o volume.

Agora estás no café, de pé, ao lado de uma mulher lindíssima, que queres agarrar mas não podes e começas a desfazer as unhas da mão esquerda, enquanto que com a outra tentas limpar a nódoa da camisa, à maneira das mães que limpam com cuspo a sujidade da cara dos filhos. Olha que a nódoa está a ficar pior; ao menos pede um pouco de água.

Agora estás no sofá, deitado, no meio das tuas almofadas verdes, agarrado a um livro forrado a cabedal e comesças a desgazer as páginas com os dentes, num gesto treloucado e algo demente, só porque o livro não corresponde aos teus anseios. Olha que é feio destruir livros; ao menos junta-lhe três pedrinhas de sal.

infra

Mulher

Passas por mim de rosto fechado, de ombros elevados e de mãos nos bolsos, como se eu fosse uma peçonha que não queres apanhar. Eu sei o que tu pensas. Eu sei. Mas tu não sabes o que eu penso. Podes pensar que sabes o que eu penso, mas não sabes. Não sabes que, por exemplo, se estou aqui a esta hora, é porque tenho de estar em algum lado, até que sejam horas de estar no outro lado. Mas antes de estar nesse outro lado, deixa-me que te diga que só posso estar nesse lado àquela hora exata, e até lá tenho de estar aqui. No outro lado não posso estar nem mais tarde, nem mais cedo. É verdade. Podia estar noutro sítio qualquer, menos naquele que exige uma hora exata. Mas este é, também, um sítio qualquer. Um sítio por onde passam pessoas como outras quaisquer que passariam por outro sítio qualquer. Um sítio por onde passam pessoas como outras quaisquer que passariam por outro sítio qualquer. Eu sei, eu sei. Não sou burra. Não sou burra! A minha mãe é que teimava em dizer que era burra, burra mesmo. E eu acreditei. Durante muito tempo. Mas agora não. Agora sei que não sou burra. E depois? Quem é que quer saber disso? Já foi há muito tempo. Já nem me lembrava. Já nem me importava. Mas no outro dia que estava aqui, a esta hora também, à espera que fossem horas certas para ir para o outro sítio, ela apareceu. Não a minha mãe, não. Uma mulher, apenas. Ninguém fala comigo aqui, por isso julguei que me estava a confundir com outro alguém. Mas não. Sabia quem eu era, ou melhor, sabia quem eu fui. E disse-me: *toma lá quatro euros*.

Eu nem queria acreditar. Quatro euros? Dar quatro euros a uma desconhecida, nestes tempos que correm, já ninguém dá. Já houve um tempo em que davam. Isso e até mais. Mas agora não. A pandemia roubou muita da generosidade que vimos em tempos. Dizem que não. Não, não. Está tudo muito pior. Está. Sim. Ela dirigiu-se a mim com duas moedas de dois euros na mão. E disse: *coitada! Toma lá quatro euros*.

Ao mesmo tempo parecia que me reconhecia. E eu à procura na minha cabeça da lembrança dela. Mas nada. Não encontrava nada. Peguei nas moedas e guardei-as logo no bolso, antes que ela percebesse que eu não era quem ela reconheceu e mudasse de ideias quanto às moedas. Mas depois disse: *a tua mãe morreu. Coitada! Toma lá quatro euros*.

Homem

Gosto de caminhar. Caminhar muito. Por aí, por ali. Ando imenso. Na verdade, farto-me de andar. Por isso é que sou magro. Sim, é por isso. Não é por mais nada. Bem, talvez as outras coisas ajudem, sim. Porque afinal, se isto fosse só exercício até tinha melhor aspeto. Podes não acreditar, mas eu fui, em tempos, um gajo todo pintas. Sim, fui! Ah, pois fui. O mulheroio todo atrás de mim, pensas o quê? E depois... bem, e depois lixei-me. A culpa foi minha, eu admito. Nunca culpei ninguém. Não me interessa aquela conversa dos psis do centro. Assim que lá apareço para um bocado de meta lá vêm eles ou elas com a mesma conversa. Temos de conversar. Sem conversa não há meta. E eu... olha. Que remédio. A sorte é que volta e meia lá arranjo algum guito para o pó. E assim não tenho que lá ir todos os dias. Não ter que aturar aquela gente sempre com conversas, questionários, estagiários, papel. Mas os psis, são do caralho. O que mais lhes interessa nas nossas conversas é que eu diga que a culpa é dos meus pais. E eu digo. Só para se calarem e me passarem as cenas. Mas eles querem saber mais. Eu... eu invento. Claro. À psi loura digo que a culpa é do pai. Açoitava-me com o cinto sempre que bebia. Batia na mãe. Batia no cão. Ao psi de óculos digo que a culpa é da mãe. Abandonou o meu pai e os meus irmãos. Levou-me com ela. Batia-me em público. À psi que manda nos outros dois digo que a culpa é do pai e da mãe. Juntos eram o terror. Por causa deles mijei a cama até aos 15 anos disse-me no outro dia a psi mandona. Eu nem sabia que tinha mijado a cama. Que seja. Depois dá-me as cenas e manda-me embora. Mas esta conversa de culpar os meus velhotes faz-me sentir mal. Coitados. Se eles soubessem. Sempre foram do melhor. Eu é que lhes saí uma boa merda. Mas não vale a pena ser sincero com os psis. Não vale a pena baralhar-lhes o esquema. Em boa verdade, não estou para lhes lixar a vida também.

Vida de novela

Depois do trabalho, Carla preparava o jantar. Já não esperava o marido para comerem juntos, embora servisse e guardasse o prato dele no micro-ondas todas as noites. Carla comia com os filhos. Os rapazes sendo rapazes implicavam um com outro à mesa, faziam troça de tudo e riam-se de coisa nenhuma. Carla pedia para aumentarem o volume da televisão, ia prestando atenção nas notícias enquanto perguntava sobre as dificuldades com os problemas de matemática. Os moços desviavam a conversa, falavam do professor de inglês que estava sempre a faltar e sobre a professora de português que perseguia o mais novo, o pobre não podia dizer nada, a professora caía matando. Asseveravam os dois. Carla endossou as queixas dos rapazes, não estava certo. Assim que desse, pediria uma manhã ao patrão para ir conversar com a diretora da escola.

Enquanto arrumava a cozinha, colocou uma máquina de roupa para lavar, em seguida passou uma vassoura em tudo e deu um jeitinho na sala, pois a novela estava prestes a começar. Os meninos trouxeram os cadernos e os livros, sentaram-se no chão e utilizaram a mesa de centro para terminarem as tarefas. Ela montou a tábua de passar ali ao lado, colocou a roupa que acabara de recolher do varal na poltrona, encheu um borrifador com água e juntou uma colher de vinagre, amaciava a roupa e nem deixava cheiro, aprendeu com mãe. A novela começou:

Gilberto tudo faria pelo amor de Juliana que julgou estar morta. Menosprezada pela família do belo e rico noivo, Juliana sempre acreditou ter sido abandonada por Gilberto sem saber que fora enganada pelos familiares dele. Rejeitada e grávida, criou o filho dos dois em segredo, privando-o dos seus direitos. Sim, o filho de Juliana tem direitos, Carla exclamava na sala ao

vincar a manga da camisa do uniforme do marido. Juliana estava prestes a descobrir a crueldade da família de Gilberto quando a porta abriu-se. O marido de Carla chegou em casa, os meninos recolheram os materiais da sala e foram para o quarto. Carla pousou o ferro quente, olhou para o marido que se sentou no sofá, esticou as pernas e apoiou os sapatos em cima da mesa de centro onde antes os filhos faziam os deveres. Ele mudou de canal. Não tem nada que preste na televisão, afirmou. Perguntou o que era jantar. Ela ligou o micro-ondas, esperava olhando para os números verdes no aparelho em contagem regressiva.

00:52 – O mesmo de ontem! Exclamou o marido, referindo-se ao jantar.

00:49 – O filho de uma colega adoeceu, ela saiu cedo. Tive de fazer uma horinha a mais no caixa para cobrir a colega, cheguei em cima do horário do jantar dos meninos. Explicava Carla.

00:41 – E o que tenho a ver com isso? Retrucou o marido.

00:35 – Também não tem nada de mais aproveitar o que sobrou.

00:30 – Já comi essa merda ontem e vou repetir hoje?

00:20 – Não está satisfeito? Pode fazer um ovo estrelado.

Assim que disparou as palavras, a boca de Carla se contraiu, os lábios se colaram, desapareceram dentro do seu rosto empalidecido. O marido ergueu as pernas e levantou-se do sofá num só movimento, deu um puxão no fio arrancando a tomada da parede. Trouxe o ferro de engomar quente até à porta da cozinha e indagou Carla:

00:05 – Faço o quê?

Carla foi preparar mais outro jantar para o marido que não comeriam juntos. Enquanto cozinhava, pensava em Juliana: Mesmo que Gilberto voltasse, coberto de ouro, ela que não o aceitasse. Exigisse os direitos do filho, os filhos têm de ser protegidos, mas continuasse o seu caminho pois a vida não se compadecia como nas ilusões de uma novela de televisão.

Bochechas

Eleutério era um homem de hábitos. Acordava sempre à mesma hora todos os dias da semana sob o argumento de que qualquer alteração na sua rotina de despertar lhe causaria uma enxaqueca inquebrantável que o acompanharia o resto do dia. Logo, desse por onde desse, Eleutério sairia da cama na mesmíssima hora.

Já de pé, retirava as calças do pijama, dobrava-as casando os vincos marcados pelo ferro de engomar e as deixava arejando na cadeira. Entrava na casa de banho apenas em t-shirt, sem cuecas – Eleutério dormia sem nada que oprimisse o seu saco escrotal, conselho do seu pai para evitar a diminuição na produção de esperma e possíveis problemas na próstata. Mesmo que não reconhecesse qualquer valor científico, na prática, Eleutério encontrava conforto na recomendação parental.

Sentava-se na privada, fazia as suas necessidades, levantava-se e verificava se a cor da urina estava conforme. Caso sim, carregava sem hesitar no botão para que água leva-se dali o resultado da sua noite de sono em liberdade. Depois sentava-se no bidé, esfregava o sabonete, primeiro nas duas mãos, para, em seguida e com uma generosa espuma, lavar a genitália: desde a cabeça do pénis à parte inferior do escroto; passando o braço por trás das costas, alcançava o ânus. Segundos mais tarde, repetia o processo para enxaguar as partes limpas. Ainda sentado, secava-se com uma toalhinha pendurada ao lado do bidé. Voltava a colocá-la no toalheiro acrílico e saía.

Era a vez da barba. Eleutério aproximava o rosto do espelho do armário, por cima do lavatório, avaliava o tamanho virando a face para um lado e para o outro. Abria a porta do espelho e retirava lá de dentro uma lâmina descartável que, quase de certeza, teria sido utilizada uma ou duas vezes antes. Apesar dos fartos pelos pelo corpo, Eleutério tinha uma barba rala. Falhada em um ou dois pontos, uma contradição na sua natureza. Nunca compreendeu.

Agarrava no sabonete pousado junto as torneiras do bidé e, outra vez, utilizando as duas mãos, Eleutério rodava o sabonete formando uma abundante espuma que espalhava pelas duas metades da cara. A lâmina descia a escorregar desde o topo do maxilar ao queixo. Repetia o gesto de baixo para cima, no sentido inverso, quando o aço da lâmina encontrou-se com um a bola de pus de um pelo encravado, cortando-o, o sangue correu pelo pescoço. Antes que reagisse, Marcos surgiu por detrás de Eleutério com um lenço de papel que colocou na ferida.

Marcos beijou-o no ombro e aproveitou para urinar. Não se sentava como Eleutério, urinava de pé, levantando a tampa da sanita antes e secando o pénis com papel higiénico depois. Marcos, com gentileza, afastou Eleutério um tantinho para o lado, lavou as mãos utilizando o mesmo sabonete e voltou para a cama onde Genoveva dormia.

Eleutério entrou no quarto, olhou para Marcos de olhos fechados abraçado a Genoveva, a coxa dele pousava na coxa da moça. Duas coxas generosas, sem varizes aparentes, com músculos mas não trabalhadas em excesso, um pouco roliças. Apeteceu-lhe morder aquelas carnes brancas esparramadas na sua cama.

Lambeu primeiro a perna de Marcos, que continuava de olhos fechados e sorria enquanto sentia a língua de Eleutério subindo desde a parte posterior da coxa quase à altura da nádega. Eleutério recuou para baixo e repetiu o movimento. Marcos desfrutava, continuava abraçado à Genoveva, que dormia, começou também a beijá-la no ombro. Sem se virar, ela sorriu. Genoveva sorria, Marcos sorria e Eleutério lambia. E quanto mais lambia, mais a sua língua crescia. A cada passagem pela coxa de Marcos, a língua de Eleutério se expandia, tanto em comprimento quanto em largura. Tal como crescia a língua, a boca ia se alargando para comportar órgão. Marcos ia beijando o pescoço e a orelha de Genoveva que não parava de sorrir. Genoveva virou-se para beijar Marcos, viu que a boca e a língua de Eleutério eram capazes de engolir a coxa de Marcos numa bocada só. Apressou-se a lamber a língua do rapaz, a chupá-la ardentemente. E tão extremosa estava que em questão de poucos segundos Marcos já não conseguia respirar, sufocava no beijo de Genoveva, então Eleutério arrancou a coxa de Marcos numa dentada. O rapaz queria gritar, mas com a língua de Genoveva metida

até ao interior da cavidade bucal, não era possível. Marco se debatia, Eleutério mastigava a sua perna, Genoveva só queria alcançar à sua parte favorita no interior do crânio. Segurou o rosto de Marcos com as duas mãos, inclinou a cabeça dele um pouco para trás e, por fim, conseguiu sugar as bochechas. Mascou-as devagar, olhando com contentamento para o seu companheiro que a contemplava. Há quem não saiba, mas as bochechas são a sempre a parte mais saborosa. Eleutério deixava-as para Genoveva.

sem título

A insónia faz-me ligar a televisão e Jack invade-me a casa. Genial, era mesmo isto que precisava, uma série para me fazer chorar. Mais. Jack regressa à casa em chamas para tentar salvar o cãozinho da filha. Antes morrer queimado que de culpa, eu entendo. Passam vários segundos, que parecem minutos, horas, de puro pânico para a família, e para mim, que sofro junto com ela. Como herói que é, Jack irrompe das chamas com Louie nos braços. Serás para sempre o herói na história da tua filha, Jack. Será Rebecca a vilã? Serei eu a vilã, porque sobrevivi? Não sei se a série vai melhorar a insónia, mas não consigo parar. Rebecca volta da máquina de venda automática com um chocolate na boca, mal sabendo que já é viúva. É como olhar no espelho, vou desligar a televisão.

*

Afastem-se! Mais um choque! A trezentos!

Nada. Sei que estamos a perdê-lo e não há mais nada que possa fazer. Como é que vou dizer àquela mulher que perdeu o amor da sua vida antes dos trinta? Um filho, caramba, este homem tem um filho. Sou cirurgiã há mais de vinte anos, era de esperar que já estivesse habituada a dar más notícias. A culpa é minha, devia ter apanhado isto mais cedo. Porra! Este homem não merecia, e Deus sabe que há tantos que cá já não faziam grande falta. Ao mundo ou a alguém.

Luísa aproxima-se mal me vê, de chocolate na boca, convencida de que salvei o marido. A notícia muda-lhe o semblante e juro que nunca vi tanta dor no rosto de alguém. Serei sempre a vilã na história desta mulher e vou ter de aprender a viver com isso, porque a culpa é minha.

sem título

Nuno está morto. M-O-R-T-O. É este o desfecho da nossa história. Ele vive agora no fundo do meu armário, na prateleira de cima, inacessível ao meu filho e à minha visão diária, atrás de cobertores, fronhas, lençóis e toalhas que já não usamos e que só guardo para o tapar e não ter de olhar todos os dias para a sua pequena urna dourada. É aquilo o amor da minha vida agora. Um frasco de cinzas.

Depois daquele maldito telefonema, que mudou a minha vida para sempre, o Nuno piorou muito rápido. Foi tarde demais. Não percebemos os sinais, as pequenas dores, aquela indisposição que não passava, de certeza que era porque trabalhava demais, porque comia mal, só precisava de férias. Como é que não dei por ele? Era minha obrigação notar, eu era a solucionadora de tudo, do joelho raspado do meu filho ao carro que não pegava.

Tinha-lhe dito que íamos vencer aquilo juntos. Depois da palavra CANCRO, tinha ficado sem chão, sem palavras, só lágrimas, mas tinha-lhe prometido que íamos vencer.

Fraca.

A forte, a corajosa, a protetora só tinha conseguido bater o pé enquanto esperava pelo telefonema maldito. Não fora sequer capaz de vencer a discussão e acompanhar o marido à consulta e apertar-lhe a mão enquanto ouvia o diagnóstico. Devia ter insistido mais. Devia ter ido. Como é que não estive lá nesse momento? Em vez disso, fiquei sentada naquele sofá que vendi juntamente com todo o recheio da casa que comprámos juntos para criar o nosso filho. O que é que ele me tinha dito nesse telefonema? Ah, claro, que era a mulher mais forte do mundo! Não sei onde ela pára, mas quero-a de volta!

BEATRIZ RYDER

Dramaturgia e Escrita Teatral

Moscovo, 1986

Procuro-te dentro dos lençóis, mas não te encontro. Faço a cama de novo só para ter a certeza que não estás aqui. Aqueço o teu lado da cama para que, quando chegares, não sintas frio. Deixei o teu casaco pendurado e um bilhete que não consta nada de novo, porque sei que esses são os teus preferidos. Ainda hoje procuro os nossos planos nas algibeiras e saio de mãos vazias. Tudo o que podia ser soava-nos a pouco porque nada é da dimensão do que se sente. Lembro-me de perder o sono por pensar que um dia tu irias morrer e contigo ia tudo o que nós fomos e tudo o que nunca seremos. É para isto que serve o amor, para nos lembrar que sem ele somos ainda mais miseráveis.

Não sei porque é que penso que vais morrer primeiro que eu. Noutro dia ouvi que quando se gosta muito de alguém, há quem prefira carregar todo o frio para que o nosso alguém possa ter todo o calor. Calha bem, nunca gostei do verão. Mas quando eu deixar de te ter, terei de enfrentar os trinta graus e um peso acrescido. É a parte mais assustadora da nossa existência, o facto de ela não ter razão para ser como ato isolado no minuto em que se sente o que é amar alguém. Quando o coração bombeia o sangue demasiado depressa, quando o meu corpo se recusa a comer, quando fico ansiosa só de ouvir uma palavra, um nome. Apesar de tudo neste mundo ser efémero. Não sei o que é que é pior, escrever sobre tudo o que não tem resposta ou continuar a queimar tempo, na esperança inútil de te voltar a ver.

As palavras são muitas e o tempo é curto. Apago, rescrevo, apago, rescrevo. Assim é a vida, o constante recomeçar por falhas e fracassos. Mas o amor nunca pode ser um fracasso, nem mesmo quando o é. Faço-te esperas e conto os minutos que passam sem ti para te falar deles um dia. São tudo o que tu não és, mas são tudo o que tenho.

Não há parede desta casa que não conheça o teu cheiro, nem há recanto em mim que se esqueça do teu toque. Mas é na chuva que cai e no vazio da noite onde te sinto mais, onde te sinto como quando te deitavas comigo e me olhavas com os teus olhos escuros, facilmente confundíveis com a imensidão da noite. A tua vida parecia depender desse segundo em que me olhavas e a minha renascia.

Vou continuar a procurar-te e a organizar-te os sapatos, enquanto voas. Fecha a porta quando entrares e deixa o inverno lá fora.

A tua Gaivota

O Quarto

Ela detesta acordar com a claridade, sempre detestou. Aquelas cortinas que comprara na semana passada estavam com desconto e agora já percebia porquê. Tinha sido um mau investimento, é um facto. Ao menos a planta verde e esguia fazia bom proveito daquele cenário.

Levantou-se com este pensamento que a acompanhou até à janela. A luz revelava vestígios de uma vida passada naquelas paredes brancas e ligeiras manchas de humidade. Caminhou no tapete bege até chegar perto do espelho, onde reparou que estava com a roupa do turno do trabalho. Não se surpreendeu. Em vez disso, confirmou a jovialidade do seu rosto enquanto atava o cabelo longo e liso num rabo-de-cavalo. Como quem se despede, olhou uma última vez para a cama desfeita e para o panda de peluche nela deitado.

Guardou tudo o que precisava no saco de pano, calçou os ténis e saiu para o seu turno no hospital.

*

Ela detesta acordar com a claridade, sempre detestou. Já tinha pedido umas cortinas à mãe na semana passada, mas ela deve ter assumido que eram mais umas manias parvas daquela idade. Como os posters colados nas paredes brancas acabadas de pintar que, segundo a mãe, lhe iam manchar a parede toda. Em nada serviam essas advertências. A porta ia sempre bater com força e os gritos ficariam sempre do lado de fora.

Quando se levantou, sentiu-se estranha. Algo de muito incomodativo fervilhava na sua barriga até à zona lombar. Sem abrir a janela, afastou a roupa espalhada pelo chão e o panda de peluche, parando junto ao espelho. Não o costumava usar, mas naquela manhã não conseguiu ser indiferente às novas borbulhas espalhadas pelo rosto. E agora que ali estava, também reparou na oleosidade do seu cabelo curto e nas olheiras arroxeadas. E quanto mais olhava, mais defeitos encontrava. Era por isto que escolhia não ter nada a ver com aquele objeto.

Começou por tirar as calças brancas do pijama e atirou-as para o chão quando reparou numa mancha vermelha que se fundia nelas como aguarela. Durante longos minutos, o pânico tomou conta dela. Quando ouviu a voz da mãe a chamá-la, afastou o pânico e as calças para um canto do quarto. Calçou os ténis gastos, agarrou na mochila e saiu para a escola.

*

Todas as noites depois de a deitar, a mãe puxava as longas cortinas escuras e dava-lhe um beijo na testa, aconchegando-a com o seu pequeno panda de peluche. Mas não naquela noite. Naquela noite, a louça estilhaçada e as portas atiradas com ódio fizeram-na tomar a iniciativa de ir dormir sozinha. Agarrou no pequeno panda e correu para o seu quarto, aquele mundo gigante que engolia o seu corpo pequenino. Com dificuldade, escalou até a cama alta e mergulhou dentro dos lençóis. Também não foi fácil de adormecer, nem ela nunca quis tanto que isso acontecesse. Foi na manhã seguinte, quando acordou, que decidiu nunca mais fazer as pazes com a claridade.

Ficou agarrada ao panda só para ficar protegida por mais uns minutos. Quando se levantou, desviou-se dos brinquedos e das folhas espalhadas pelo tapete bege. Habitou-se, desde muito cedo, a ser o silêncio.

Ouviu passos a aproximarem-se. O seu coraçãozinho bombeava o sangue mais rápido e o panda era apertado com mais força nos seus pequenos braços. A mãe invade o seu refúgio e olha a filha num misto de medo e devoção; estende-lhe a mão. Com o panda e o receio envolvido nos braços, a filha acaba por ceder a sua em resposta. Caminham juntas e a criança finge

não notar no olho quase tapado da mãe, focando o seu olhar na pequena planta que geminava timidamente no vaso de barro. Nunca uma menina de quatro anos se sentiu tão pequena como a Cléo, facilmente confundível com aquela plantinha.

*

Ela detesta acordar com a claridade, sempre detestou. É das únicas certezas que a sua memória não consegue atraindo. Todas as noites ela fecha a janela e empurra as cortinas escuras, instalando a noite naquele quarto. Depois da reforma, tornou-se mais fácil priorizar quem ela era. É sempre assim.

Cléo senta-se na cama. O andarilho está mesmo ao lado, pronto para a ajudar na tarefa de se levantar para mais um dia. Mais um para adicionar aos seus vinte e nove mil duzentos e vinte (mas já deixara de contar há muito).

As paredes eram agora grandes manchas de humidade que a envolviam naquele espaço; o pó também já fazia parte da mobília. Não tinha fotografias, não havia nada que quisesse recordar. Tinha a vida toda dela ali: o tapete desbotado, uma planta sem vida num vaso gastou, um peluche sujo e velho, o mesmo espelho que não conheceu outro rosto senão o dela. Às vezes, quando pára diante dele, vê a rapariga com o cabelo curto e de olheiras carregadas. Noutras vê a jovem adulta que trabalhava mais do que devia. E nos últimos dias, tem visto a menina de cabelos dourados que merecia mais do que aquilo que teve. Com o seu cabelo de cinzas e o rosto marcado pelo tempo, já não há nada que possa fazer por elas.

Apoiada no andarilho, Cléo vai até à porta de onde olha a sua vida inteira. Ao sair, escolhe deixá-la para trás.

Às vezes,

Me pego pensando o que seria de mim, com outra vida. Se tivesse feito tudo diferente, ou mesmo ligeiramente diferente. Uma rua errada, se cedesse a algum ímpeto insensato da juventude. Quando jovem *bastava uma palavra*, saía de um conforto qualquer rumo ao desconhecido. Hoje são só *imagens* nas minhas lembranças controladamente atormentadas.

Nunca tive pretensões e nem vocações. Nunca salvei ninguém, nem mesmo de uma picada de mosquito. E mesmo assim, às vezes eu penso nela. De um jeito que só eu posso pensar nela. Um jeito nada modesto de salvador, como se pudesse descarrilhar uma vida e assim salvá-la.

Éramos tão jovens que os nossos corpos hoje são mesmo irreconhecíveis. Isto é, se ela pudesse me ver, é claro. A culpa que me faltou na época, uma culpa vã, inútil e quase até egoísta, agora me sobra. É a culpa dos velhos, quem sabe? A culpa dos cronistas, pseudo-famosos, de tudo que me tornei, ora essa!

Quem diria que uma temporada na terrinha me fizesse lembrar dela. Tanto dela!

Por algum motivo me lembrei dela.

Aquele guri com cara de mal-encarado, e tão frágil! Foi ele. Se apresentou, do nada. Esperava que eu fosse mesmo saber quem ele era. E ainda dei meu *Whatsapp* para ele...Claro, o sotaque Porto-alegrense, como ela!

Mas a culpa é toda de hoje. Naqueles dias tentei tanto, lembro da carta que escrevi, coisas como *Tu sabes, saudades, ai tanta saudades...* Cartas de jovens devem ser todas iguais, até hoje, nos instagrans da vida deve tudo ser o mesmo. Só que com emojis...

Mas nunca vão inventar qualquer linguagem que evite o que a vida nos joga. Como o fim dela. Talvez fosse tudo inevitável. Suicídio. Sim, suicídio, aqui não é um jornal, nem uma crônica que tenho que evitar a palavra. É só um diário de um bem-sucedido merda. O melhor de todos. Mas com ela, nunca fui um merda. E se matou, mesmo assim.

Um dia ainda tenho que escrever sobre ela. Ou para ela.

Um dia, talvez amanhã!

Reescrita

O que a neve faz comigo? Nada. Não sou nada, e ela, tampouco, é alguma coisa. Mas para eles todos a neve corre com a vida que não sentem. Que inveja dos vivos que podem se dar ao luxo de cair de bêbados na neve suja fugindo dos cavalos e do vento. Com seus casacos e seus discursos, suas vidas passam em minutos e conversas.

As horas passam e este defunto autor é muito novo para elaborar alguma coisa melhor que o nada que nos separa.

Alguém que me amou a ponto de me recordar no fim de uma noite agitada? É pouco. Quase nada. Aos braços dos outros eu não morro mais. Morri uma vez e bastou. Nem sei mais do que me lembro ou do que sinto mais falta. Morri aos poucos e não me deixaram vê-la. Ou no fundo era eu que não queria? Percebi a morte e preferi saltar dela com um gesto impulsivo?

Pouco importa, o que me importa agora é que para um defunto autor sou muito novo. E como morto, envelheci!

Enquanto alguns cantam, outros comem e bebem. Tocam o piano e festejam. A mim resta o maldito dever de permanecer morto. Uma lembrança para ela, viva. Um fantasma para ele, vivo. Um espectro que traz a minha juventude vencida.

Um defunto autor ainda tem parente? Ou trocou os vivos pelas palavras? O canto sublime de uma voz tranquila pelo resmungo eterno de nunca ter sido?

Antes um cantor rouco que um morto!

O meu ronco só quem ouve não me entende, com o ouvido doído de uma antiga amante.

Não tive mais do que uma vida patética. Nem estátua virei, em uma esquina qualquer com os braços para cima rogando por uma eternidade qualquer. Não fui vendedor de peixes e nem lutei por meu país. Não escrevi mais que algumas cartas de amor e mesmo isso, ficaram perdidas.

Sou um eterno jovem de Galway preso numa canção.

TOT

TOT, DEETH and DEATH

Death and deeth,
Teeth of death
Rattle on trommel
On an old magic drum.
They drum life in
They drum life out.

Silence ...
Life struggles through,
Life fights it out.
RESET THE DRUM!
RESET IT NOW!

Drum silences
Drum sounds off
UNMUTE this drum!

DEETH!

TOT Θ

DOT

Transfer on death!
A DOT in space
A dot in PEACE.



Just flying away,
Just a new survey...
Nothing ends,
My dear friend.
Just towards another
Extended journey,
Dust uncovers worlds.
Just crossing borders,
Just new whirled orders.

Just a silent dot,
Screaming in silence

for

peace.

O jogo de Xadrez

Acabam de chegar à serra, vindos do Rio de Janeiro, a locomotiva 'Pacific 327' e seu séquito de vagões de madeira. A lamber os trilhos e abrir caminho, surge um elegante teclado de ferro vermelho, um tanto marcado pelo desafio dos verdes em luta contra os granitos da Serra da Estrela.

Stefan fora devidamente informado que o ramal ferroviário da raiz da serra para Petrópolis fora inaugurado no ano do seu nascimento em Viena: 1881.

No corredor do vagão da 1ª. classe, um cartaz anunciava a estreia de Carmen Miranda e o Bando da Lua, no Cassino da Urca. Apesar da simplicidade, Lotte elogiara o desenho e as letras. O casal ocupou uma cabine em madeira escura, dourados e cortinas em brocado verde. Um vaso de rosas vermelhas sobre a mesinha, próxima à janela, estava ao lado de um exemplar d'A noite'. Na manchete notícias sobre a guerra. 'Ondas sucessivas de bombardeadores e caças, em número de 200 e 300 frequentemente são rechaçadas na costa da Mancha e refluem sobre o mar...' 'Por sua vez os Estados Unidos deixam transparecer certos sinais de inquietação em presença do que venha a suceder na Indo-China. Eles proibiram a exportação de gasolina e de ferro-velho ao Japão.' ... 'Cada vez mais enviam armas, munições e víveres para a Inglaterra.'

Stefan sentara-se esgotado, enquanto toda a bagagem era acomodada na cabine. 'Como alguém pode sair de Nova York para viver em Petrópolis?'

A mulher tinha um ar muito jovem. O marido era bem mais velho, parecia seu pai. De bigode denso, escuro e em leque, como a frente da locomotiva 327, só lhe faltava o vermelho.

Após a queima dos livros proibidos, incluindo todos os seus, após o assassinato do seu melhor amigo, em 1934, já estivera em muitos lugares. Vivera na Inglaterra, onde comprara uma casa em Bath, aliás, primeira morada do seu grande amigo de Vienna, Sigmund Freud. Toda uma corrente de intelectuais, escritores e poetas judeus aí viera a ter. Quando no ano pass-

ado redigira e lera sua última homenagem ao amigo, quando finalmente percebeu que não mais poderia escrever na amada língua de Goethe e Beethoven, a vida na Europa não fazia mais o menor sentido. Estavam a destruir todos os seus princípios de civilidade e humanismo. O nazifascismo começara por dominar as palavras e as mentes das pessoas. Depois fora se alastrando como praga e se consolidara na nova realidade da 2ª guerra. Quanto mais Stefan duvidara do novo real, mais a normalidade do horror se estabelecera por toda a parte. Agora estava proibido de criar em alemão. Aqui? Não! Aqui em Petrópolis ainda existe uma colônia alemã-austríaca de mais de século. Stefan e Lotte poderiam sentir-se bem-vindos e em casa. Até mesmo uma sinagoga estaria a ser planejada para todos os recém imigrados.

À medida que a 327 ia subindo a serra, Stefan via desfilar a própria vida como um filme emoldurado pela exuberância tropical. A infância e juventude nos salões da alta burguesia e intelectualidade vienenses do virar do século, o doutorado em Filosofia, o trabalho como arquivista do Ministério da Guerra, durante a 1ª. guerra, o primeiro casamento com a sua ainda melhor amiga Friderike, a vida idílica em Salzburg, sua fama literária a percorrer o mundo... e suas dúvidas corrosivas.

Na estação de comboios, além de muitos jornalistas ansiosos, um grupo os aguardava próximo a uma faixa em várias línguas, confeccionada para recepcionar novos imigrantes recém-evadidos da Polônia, Áustria e Alemanha.

A melhor amiga de Eva era Judith. Seus pais conheciam um dos casais a chegar. Pasmem de onde? De Nova York! Ele devia ser uma personalidade conhecida. Ali se encontrariam o mundo e o contra-mundo da Europa em guerra.

Após satisfeita a curiosidade dos jornalistas, a família de Judith segue com o casal até um hotel. As jovens recebem a permissão de os acompanhar. Eva transborda de alegria. Uma curiosidade incontrolável tornaria sua presença invisível. As duas prometem ficar bem quietas. Escondem-se atrás de colunas e pilastras, cortinas e sofás para ouvir algumas das histórias além-mar. Nunca haviam escutado pessoa mais famosa e viajada a falar. É verdade que o alemão de Stefan era por vezes muito difícil de se decifrar. Muitas palavras diferentes que pouco lembravam as parvas aulas de literatura das jovens. Esforçavam-se para perceber alguma coisa.

Neste ano de 1940, quando chegou à Inglaterra novo convite para a América, Herr Dr. Zweig decidiu partir novamente em direção ao novo mundo. Ele passa a relatar a longa e cansativa viagem.

Quando ouviu a palavra sinagoga, Eva gelou. Em casa era um tema proibido. Entretanto Judith lhe dissera que suas avós eram primas. Tudo muito complicado para aquela cabecinha.

A família de Eva já estava há tanto tempo em Petrópolis que havia se esquecido dos ondes e porquês. Mantiveram, entretanto, o falar. Ouvia histórias divergentes do pai e da mãe, todos tentavam falar alemão com muito orgulho e pouca escola. Começou a ficar preocupada com o encontro inesperado e o mundo de informações trazidos pela família Zweig. Decidiu não contar nada em casa.

Diálogo

1

Já te disse alguma vez que praticamente todos os meus sonhos se concretizam? Tornam-se reais?

2

Então não são sonhos, são premonições ou visões.

1

Como queiras. Mas o último foi contigo.

2

Como assim?

1

Chegaste a minha casa e tocaste a campainha. Logo aqui percebi que algo estava errado, pois tu nunca tocas a campainha. Ligas-me sempre para o telemóvel quando chegas. Eu abri a porta e tu estavas especado à minha frente, de calções de ganga e camisa de flanela, encharcado de claras de ovos que pendiam do teu cabelo, onde as gemas se desfizeram. Achei a tua figura tão surreal nesse momento, pois tu nunca usas ganga com flanela em simultâneo. Algo se passava. Percebi que a tua respiração não se encontrava sintonizada com a minha, como sempre tem estado desde a escola primária.

2

Foi só isso?

1

Não, não foi só isto. Mas "só" isto já foi suficientemente impactante, não achas?

2

Talvez

1

Talvez?

2

Vais continuar?

1

Bom, entraste de rompante em minha casa e começaste a cantar Marco Paulo, sabendo o quão odeio Marco Paulo. Estavas totalmente desconcertado e parece que me querias deixar no mesmo estado. De seguida, correste na minha direção e beijaste-me, ao mesmo tempo que me tentavas despir. Tentei impedir-te, mas dizias aos berros que aquilo era o que eu sempre quis. Não tu, mas eu. Que direito tens tu em assumir uma coisa dessas?

2

Na verdade, eu não assumi nem te disse nada, foi-

1

Um sonho, sim, já sei. Mas também sei o que acontece com os meus sonhos. E agora tu também.

2

Achas mesmo que-

1

Acho. Acho mesmo.

A cova que escavei em mim

"Coloco-me do lado de lá da cova, enrolo o poncho no braço esquerdo, e empunho a faca."

E é aqui, deste lado da cova, de poncho enrolado e de faca empunhada, que viajo pelo maior pensamento que tive nestes últimos dezasseis anos de vida. Foi um animalesco desejo maternal que me trouxe até este momento, até este lugar. Oquedal.

Oquedal que atrai e repele.

Oquedal no qual nunca tinha estado, mas também de onde nunca tinha saído.

Oquedal de raízes apodrecidas e cortantes ramos que magoam num abraço do qual não me posso libertar.

E é aqui que o meu falecido pai, causador de todo este infortúnio, assombra a minha mente com as suas grandes tiradas de progenitor.

Nacho, um dia serás capaz de decidir naquilo que queres que a vida te torne.

Nacho, não deixes que o teu passado te traga o futuro pelo qual não lutaste.

Nacho, tens de compreender que tudo o que fiz foi para te dar não o que não tive, mas sim aquilo que acredito que tu possas querer.

E é aqui, neste *flashback* de aprendizagens, que regresso ao vazio que habita em mim, um vazio de ternura e de afeto, um vazio carnal, como uma asma sem bomba capaz de amenizar a falta de amor. Uma mãe-mistério que anseio por conhecer, por compreender o porquê da sua não existência, o porquê de tanta mentira sobre si e sobre o seu paradeiro. E nisto, questiono que falta me faz esta figura que nunca tive presente e nunca soube para que serviria. O que é, de facto, uma mãe e porque precisamos tanto dela? Especialmente quando já estamos crescidos como eu estou. Perguntas para as quais não possuo resposta. Neste campo, assemelho-me a esta cova vazia que me separa deste meu inimigo que me desafia neste momento.

E é aqui, neste *flashback* de aprendizagens, que regresso ao vazio que habita em mim, um vazio de ternura e de afeto, um vazio carnal, como uma asma sem bomba capaz de amenizar a falta de amor. Uma mãe-mistério que anseio por conhecer, por compreender o porquê da sua não existência, o porquê de tanta mentira sobre si e sobre o seu paradeiro. E nisto, questiono que falta me faz esta figura que nunca tive presente e nunca soube para que serviria. O que é, de facto, uma mãe e porque precisamos tanto dela? Especialmente quando já estamos crescidos como eu estou. Perguntas para as quais não possuo resposta. Neste campo, assemelho-me a esta cova vazia que me separa deste meu inimigo que me desafia neste momento.

E é aqui, perante este inimigo que me foi imposto pela vida, pelos feitos passados do meu pai, que percebo que somos mais parecidos do que pensamos. É sempre assim. Todos os conflitos são sempre de igual para igual. Discutimos com os nossos irmãos, com os nossos pais, com os nossos amigos, porque somos iguais a todos eles. Senão o fossemos, já teríamos desistido deles e seguido com a nossa vida, com outras pessoas que nos dessem algo novo e diferente daquilo que já temos e somos. Este meu inimigo, que me fazem crer ser de outra raça que não a minha, possuiu o mesmo esqueleto, o mesmo tecido muscular, o mesmo sangue que eu. O nosso sangue é o mesmo, foi misturado há muito tempo atrás. Está tão diluído nas nossas veias que ao analisá-lo não saberiam dizer a qual de nós pertencia. Como podemos então confrontar-nos com aquilo que é tão igual a nós? É o mesmo que tentar lutar com o nosso reflexo, só nos magoaremos a nós próprios.

E é aqui, por fim, que decido impedir que a história do meu pai se repita. Já basta todo o mal que ele fez neste lugar e a estas pessoas. Não vou lutar com este homem, pois não quero lutar comigo. Não vou preencher o vazio de uma cova na tentativa de preencher o vazio dentro de mim. Prefiro sacrificar-me. Silenciar esta tormenta que me corrói e limpar os estragos do meu pai, pois a melhor maneira de criar o meu legado é não dar continuidade ao dele.

Aprendo-não

o rastilho açucarado da barata ponta a ponta
a castidada postiça da vizinha tonta
o ardor do veneno que faz refém a urtiga
a cadência sem ritmo de qualquer coisa em declínio

os palavrões que são só invenção
as más relações entre as mães e as empregadas
o distúrbio imenso que causa um nascimento
a euforia torpe que enrola em morte

a morte

Macaquinho de chinês

Uma aranha trepava, subrepticamente, a perna de Letícia. Sempre que os dois olhos de uma se cruzavam com os múltiplos da outra, uma sensação jocosa de adrenalina percorria as escalas dos seus corpos. Dois seres tão diferentes, brincando em sintonia sob o sol primaveril - uma memória que Letícia guardaria junto das mais importantes.

Num banco ali perto, Ivan observava a rapariga tapando e destapando os olhos para o nada da sua perna despida. Talvez tenha esfolado o joelho, pensou, tentando fazer sentido do comportamento anormal daquela desconhecida. Mas os seus lábios esboçavam sorrisos rasgados e deixavam escorregar suaves gargalhadas. O ritmo dos seus movimentos parecia tão familiar a Ivan... Faziam-no voltar a um tempo longínquo que não podia identificar - até que um sopro de vento quente trouxe a melodia aos seus ouvidos. *Um, dois, três, macaquinho de chinês.*

Letícia e a sua nova amiga podiam ficar ali para sempre - saltar de perna em perna, recomeçar a brincadeira quantas vezes desejassem. O universo ditava a eternidade daquele momento fugaz no tempo. Sempre que destapava os olhos, uma sombra esguia avançava caminho no relvado, sem que Letícia se apercebesse. Apenas se deu conta de uma presença extraordinária quando a sombra lhe regulou o brilho nos olhos. Ali, de pé, com o sol irradiando e vibrando nas margens do seu corpo, um rapaz fitava-a - as suas feições eram indecifráveis. Tapou os olhos com as mãos. *Um, dois, três, macaquinho de chinês.* Quando os abriu, a luz do sol queimou as suas retinas e durante uns segundos tudo o que viu foram incandescentes padrões de fogo no pano negro das suas pálpebras.

Ivan, no momento decisivo do jogo, rapidamente se sentou ao lado da rapariga. Quando o olhar dela o procurou, encontrou o sol no seu lugar. Ivan concentrou toda a sua energia em capturar aquela imagem. A forma como o sol incidia no maxilar delicado dela, o verde dos seus olhos a inundar-se de luz, o trejeito despenteado das suas sobrancelhas confusas. Foi a forma com-

o sorria de olhos cerrados e lacrimejantes que lembrou a Ivan as tardes de verão, correndo nos milheirais debaixo das mil gotículas que desenhavam mil arco-íris. Foi a sua essência que, ali, naquele parque, naquela quarta-feira, fez com que Ivan se apaixonasse pela primeira vez. Esticou a mão e pegou no queixo dela, girando-o suavemente na direção do seu rosto. Com a outra mão, bloqueou o sol que iluminava o caminho descendente das suas lágrimas felizes.

Quando, finalmente, os olhares pousaram um no outro, ambos se perderam na beleza tão próxima que os rostos revelavam. Mas quantas sardas ficariam por contar... Os minutos passaram e a realidade foi tatuando nos rostos o desconforto crescente. Afastaram os narizes uns centímetros e riram nesse mesmo tom. Apresentaram-se de faces coradas e sorrisos envergonhados - Ivan só sabia sorrir. Algo vibrante percorria as suas veias e, como nunca antes, sentia algo que se assemelhava a medo mas na ponta oposta do espectro do medo. As palavras não poderiam ousar tentar significar aquilo.

Enquanto o silêncio preenchia de energia o espaço entre os dois, as patas rápidas da aranha na sua ventura quebraram o transe de Letícia. Não pôde nem reagir às cócegas que a sua amiga lhe provocava, carente de atenção para terminar o jogo, pois logo a mão grande, morena, calejada de Ivan atravessou o espaço: o seu braço uma lâmina cortando a energia - e entre o dedo indicador e o polegar esborrachou a aranha pequenina. Mas a morte do bicho não trouxe Letícia de novo ao transe, como Ivan esperara. Os seus olhos de milheiral encheram-se de trovoada e Ivan soube, naquele momento de transformação, que acabara de se apaixonar em vão.

Letícia partiu - a força dos seus passos no relvado invocando a prontidão para o afastamento. Ivan acompanhou a sua partida até a figura de Letícia se desfazer em pó na passagem pertinente de um autocarro. Nessa tarde, a vida tratou de dar a ambos diferentes lições sobre a sua fugacidade.

Dentro

Fechou a porta do pequeno apartamento com a força de quem espera que o resto do mundo fique lá fora. Seguiu para o quarto, sentou-se na beira da cama, em frente ao grande espelho de pé que estava encostado à parede. Nele, o reflexo de um corpo fechado em si mesmo, contorcido. Ela não olhava em frente, mas sim para as próprias mãos, carregadas de um vermelho vivo que brilhava à luz do candeeiro. O corpo começou a descomprimir e as lágrimas a cair dos seus olhos em direção às palmas das mãos, misturando-se com o vermelho, tornando-o mais baço.

Permaneceu sentada, mas desta vez ousou levantar a cabeça e olhar-se ao espelho.

Como é que fui capaz? O que é que eu fui fazer? Estraguei a minha vida toda, toda... Ninguém vai entender. Ninguém sequer desconfia minimamente. A minha mãe, o meu pai... a filha deles tem sangue nas mãos. A filha que nunca deu problemas cometeu o maior dos crimes. Se pudesse voltar atrás uma hora, uma hora apenas e eu continuaria a ser a mesma que eles sempre conheceram. Não me reconheço, não consigo olhar para mim, estou nojenta, coberta de um sangue que não é meu. Estas lágrimas são de desespero, o mesmo pelo qual arruinei o meu futuro naquele descampado. Mas estas lágrimas não são pela Mel que todos conhecem e que ouviu e calou durante demasiados anos... São também pela Melissa, que está cá dentro há exatamente o mesmo tempo. É esse o meu nome de nascimento, que quase caiu em esquecimento em favor de Mel, uma alcunha com a qual sempre cresci e que me tornou num 'eu' que eu ainda não sei se gosto.

Levantou-se, limpou as lágrimas com as mãos e ficou com a cara marcada pelo mesmo tom vermelho. Olhou fixamente para os olhos no espelho e foi-se aproximando, até ficar frente a frente consigo mesma.

Fizeste o que tinhas de fazer. Acabaste com ele em poucos segundos, enquanto ele te foi destruindo ao longo de uma vida. Não deitas nem mais uma lágrima. Por ele não. Ouviste, calaste, aceitaste e sorriste. Agora chega. Deste o teu grito de desespero. Pela Melissa, que tantas vezes quis sair cá para fora, mas que a Mel não deixou. Porque não iam compreender, porque iam achar que estavas a exagerar. Se continuarem sem entender, se te condenarem, não importa. A libertação que sentiste quando acabaste com o maior pesadelo da tua vida não tem preço. Tudo tem um limite e tu atingiste o teu. E não foi hoje. Foi na

noite em que pensaste pela primeira vez, quando estavas a tentar disfarçar as marcas que ele te deixou. Foi desde aí que a Melissa começou a viver cada vez mais em ti, mas só em pensamentos. Hoje apoderou-se de ti por inteiro, quando puxaste daquela faca e a tiraste pela última vez do peito dele. Pensavas que a tinhas deixado naquele chão, mas talvez ainda precises dela para enfrentar o que vem aí. Ou talvez a partir de agora possas ser só Melissa e nunca mais calar nada.

Enquanto isto, o seu corpo começava a ganhar uma nova postura, mais reto, mais firme, mais perto daquilo que sempre quis mostrar aos outros. Pousou as mãos no espelho e percorreu o seu reflexo com elas, deixando uma mistura de lágrimas e sangue no vidro, antes imaculado. Foi até à casa de banho e pôs a torneira da banheira a correr. Do bolso das calças, tirou a faca e limpou-a, com sabão e água tão quente que quase queimava, até a deixar a brilhar. Foi colocá-la na cozinha, na gaveta dos talheres, no meio das facas com que comia todos os dias. Tirou a roupa e enfiou-se na banheira, que estava a transbordar. Esfregou os salpicos de sangue que tinha pelo corpo e a água ganhou um tom arrosado. O ralo da banheira engoliu os restos do seu crime, e esperava que levasse também o que restava da doce e nocente Mel.

Décimo terceiro capítulo

Estás na penúltima página do livro. Pelo canto do olho consegues ver o derradeiro parágrafo e o pedaço de página em branco que indica que não há mais nada para além disso. Mas aquelas linhas não te são estranhas. És daqueles leitores que vai sempre espreitar o final dos livros. Há quem o faça como uma espécie de ritual, logo após ler as primeiras palavras da história. Tu não, tu esperas para ler algumas páginas, o primeiro capítulo, talvez, e só depois vais à procura do final. Assim, levas contigo nomes ou pistas que o teu cérebro tenta associar, apesar das dezenas ou até centenas de páginas que as separam. É claro que em alguns casos — e esses são os melhores —, essa "batota" não dá em nada, embora noutros acabem por surgir revelações que preferias ter sabido só quando era suposto.

Quando chegares ao ponto final, aquele que é mesmo o final, em todo o sentido da palavra, levantas a cabeça e estás tal qual as próximas duas páginas: vazio. Mas por outro lado, na tua mente dançam personagens, nomes, ambientes, lugares, momentos, situações que moram no objeto que tens nas mãos e que lá vão ficar para sempre.

Fechas o livro, observas a capa e a contracapa com os olhos de quem leu aquele romance e tentas encontrar-lhe significado — em alguns livros mais óbvio do que noutros —; olhas o livro como objeto, mas também como portador de uma história e juntas as duas dimensões.

Soube de alguns leitores que encostam o livro contra o peito e o abraçam, como quando nos despedimos de um ente querido que vai para longe. Talvez seja saudade ou pena por ter acabado, mas houve alguém que me deu uma justificação curiosa. Disse-me que o fazia para que ele e o livro fossem um só, para que tudo aquilo que acabou de ler "entrasse dentro de si" e se fundisse no seu corpo, para que como por magia, as personagens e os lugares vivessem dentro de si, tal como vivem dentro do livro e nunca se esquecesse deles. Começo a pensar que é esse mesmo medo de nos esquecermos dos livros que lemos que nos faz inventar coisas absurdas como esta.

Agora já não há nada a fazer. Tens de te separar dele, mas como já é tarde e estás na cama, deixa-lo na mesinha de cabeceira e amanhã vai para o seu devido lugar, na estante da sala. E ao passar por lá todos os dias, os teus olhos hão de cruzar-se com aquela lombada e lembrar todas as noites de inverno que viajaram juntos.

Sinfonia

1. Prestíssimo

São 1.600 cavalos de potência para andar nessa cidadezinha da porra! Não sai da minha frente esse velho, e ahhhhh foda-seeee aqui pra você velho!! Sente o motor, rapá! Aqui é o... Merda, acertei o moleque.

2. Allegro ma non troppo

Quando abriu os olhos estava a 3,47 metros do chão, podia sentir o corpo vibrar, uma melodia se contorcendo, os braços reverenciavam o ar bailaricamente, os lábios se deformando em um sorriso plácido, a bicicleta, o cachorro, o carro, o asfalto, o baque.

3. Adágio

A noite some no meio da fumaça azulada da usina. A casa cheia de infiltrações são só um reflexo da alma. Pedro pensa na notícia do aluno morto, pensa na notícia que não terá que dar aula amanhã cedo. A mistura de tristeza e satisfação o assusta, é tão difícil perceber-se humano.

Banzo

Pedi uma palhinha para seu sumo, passou desodorizante antes do pequeno-almoço e saiu para pegar o autocarro. Fez de tudo para não ser reconhecido, não queria os mesmo olhares, as mesmas perguntas não feitas, os mesmos julgamentos. Já basta estar tão longe, já basta a mudança, já basta o idiota que era meu presidente.

- É que falaste em brasileiro e não percebi...
- Eu falo português do Brasil.
- Percebo...

Se trancou na casa de banho, sentado na sanita pensa que chora. É só mais um imigrante. Quando resolver todas as burocracias do SEF, será só mais um imigrante regularizado.
É só não ser reconhecido

reconhecido

reconhecido

reconhecido

reconhecido

reconhecido

reconhecido

epifania

A voz robótica da vendedora era cuspidada para fora da tela conforme ela anunciava um colar em ouro com pedras verdes – ou era um colar de miçangas coloridas – ou era um liquidificador – e eu também uma sombra robótica, uma gêmea robótica, repetia os movimentos que tanto já havia visto minha mãe executar com a linha e a agulha em mãos – só que sem o dedal, eu não uso dedal, eu gosto de sentir a picada da agulha na ponta do dedo quando erro um caminho por entre o tecido, e em companhia à ela eu também tenho jeito nenhum, o nosso caso sempre foi mais de esperança que a peça acabasse por se encontrar sozinha, e assim eu sempre acabo com um pano de prato trapezoidal ou uma camisa de três mangas – o jornal da noite começa de súbito e eu me forço a manter a atenção na chamada inicial das notícias importantes –

Quando eu fiz 8 anos de idade, a minha mãe me disse que eu tinha poderes especiais. No plural não, no singular – disse que eu tinha um poder especial, que se revelaria para mim no momento em que eu mais precisasse dele, porque éramos iguais e o mesmo havia passado a ela. Então foi embora e nunca mais voltou. Pensei que ela havia ido se tornar super-heroína, mas o mundo continuou ruim. Ao longo dos anos eu considerava se a minha habilidade secreta talvez pudesse ser a saudade, ou o ressentimento, ou talvez eu tivesse me tornado invisível sem saber. Às vezes penso que se eu chegar muito perto do sol é ele que se apaga, se eu contar as horas elas simplesmente deixam de passar, se eu tocar a chuva ela cai nunca mais. Parece-me muito que eu possuo o poder da criação às avessas – sinto que poderia destruir o universo inteiro apenas com a minha melancolia de domingo. Eu digo que vim do fogo, mas nunca fiz nada queimar. Da fumaça só conheço o gosto, das chamas a cólera. Por trás de mim tudo são cinzas. Talvez seja isto que me falte – coragem. Na verdade, uma parte de mim ainda

espera que ela volte assim como espera que eu acorde um dia e consiga abrir o pote de manteiga com a força do pensamento. A vida real é feita de poderes reais, agora eu entendo. A minha mãe nunca entendeu.

– Fabrício, o jantar tá servido!

Grito para o vazio da minha sala na penumbra, ao longe escuto ele se aproximar de pronto, o som de seus saltos ritmados no piso de madeira um alívio antecipado para a minha solidão – ele para à minha frente muito sério, sempre tão sério, eu desapareço para o fundo de seus olhos alaranjados enormes e proeminentes como se ele tivesse sempre algo a me dizer que eu já soubesse sem perceber. O que eu sei? Sinto em minha mão cerrada as três moscas que havia apanhado mais cedo com a raquete elétrica que não era elétrica menos ainda uma raquete, ele ainda esperando pacientemente pela minha ação – talvez uma delas ainda esteja viva. Por um segundo não respiro, e tudo se torna claro – sinto um espasmo involuntário no dedinho mindinho do pé. Então pisco, estalo o tornozelo, estendo a minha palma aberta em sua direção como todas as noites – nenhuma delas está viva – e aumento o volume da televisão.

ovelha mansa – uma autobiografia

quando eu nasci o meu pai me deu nome de personagem bíblica apesar de nunca ter lido a bíblia e que significa “ovelha mansa” mesmo não gostando de animais para homenagear uma tia que hoje em dia já não se lembra mais de quem sou –

quando a minha prima nasceu deram-lhe nome de deusa mitológica grega que causava guerras entre reinos e alterava o curso das histórias nas quais tocava e disseram que ela havia nascido mirrada mas que berrava grande atestando desde cedo o seu destino e eu que carreguei durante toda a infância o peso de parecer maior do que era tinha cordas vocais que só serviam para amarrar as coisas dentro de mim –

“essa menina não fala” a mãe do meu pai se indignava com uma coisa tão irremediável como a minha falta de aptidão para o que precisa ser dito com a voz o meu silêncio sempre uma afronta a quem sabe apenas escutar com os ouvidos –

a minha avó tinha qualquer problema que eu não entendia bem minha mãe contava que fazia muito ela havia perdido a chave de seu rosto eu sempre gargalhava com essa ideia no meio da explicação e esquecia de compreender mas crescendo ia entendendo que era esse o motivo de sua cara constantemente fechada então comecei a pensar em um lugar muito seguro para guardar a minha ou talvez fosse melhor estar sempre de rosto aberto por via das dúvidas o que é praticamente improvável
uma vez deixei escapar em desabafo “sua mãe não gosta muito de mim” e os meus pais não tocaram mais no assunto –

foi quando a casa da minha avó ficou vazia da alegria de gente pequena saída da barriga da minha tia mais nova tinha que ser da minha tia mais nova a minha tia mais velha não tinha barriga de fazer filho seu ventre era triste diziam ou talvez fosse somente sua cabeça meio embaralhada e o resto do corpo a acompanhava em desarrumações e a barriga da minha mãe não contava era barriga errada também mas isso eu nunca descobri o porquê -

então o meu primo nasceu e devem ter achado que ele tinha ido buscar origens no mesmo lugar que a irmã e por isso não corria perigo de ser muito parecido comigo, mas ele era -

meu primo gostava de fazer música e em vários momentos de ficar muito quieto e de tocar em insetos e de se esconder meu primo não gostava de subir nas coisas nem de chorar alto nem de chocolate nem de aparecer a princípio temi que ele sofresse as mesmas repreensões que me eram destinadas, mas a constatação dessa nossa igualdade nele era celebrada, como se em outra pessoa as coisas que me condenavam não parecessem tão ruins

e aquela ponta de mágoa que às vezes me pinicava por dentro bem no meio das costelas (como quando a minha tia-avó costurava um pontinho da roupa ainda em nosso corpo e errava a profundidade da agulha) um dia se exaustou de tanto eu a ignorar e foi-se embora e o que ficou foi somente alegria e o alívio de que agora seria como se eu fosse permitida a ser quem era através de outro como se alguém pudesse finalmente ser eu por mim -

quando a minha prima começou a namorar eu ainda tentava entender por que ninguém se oferecia para comprar o meu lanche na cantina da escola ou para me convidar para dançar na festa junina ou para me levar na parte de trás da última quadra do pátio onde os professores nunca iam então perguntei ao menino cabeludo que tinha um sotaque longe de cidade fria “podemos conversar depois” ele sem vontade “aham” mas ao fim da aula desapareceu no outro dia sentou distante de mim e no cinema deu um beijo na minha melhor amiga

percebi que as pessoas se assustavam com a minha seriedade com o fato de ser grande por dentro enquanto por fora parece que diminuía é que durante a adolescência cresci em altura quase nada e fiquei meio perdida quase totalmente esquecida por entre as meninas da minha idade e não gostavam muito de quem era velho ainda sendo tão jovem, era como uma traição era

pior do que ser velho já sendo velho que naquela época era a pior coisa de todas -

“queria saber como é ser bonita conseguir as coisas com menos dificuldade” eu pedia a ninguém mas comecei a ver que a minha mãe entristecia junto talvez por achar que era culpa sua já que isso de ser feio ou bonito é quase inteiro de nascença e nascer eu tinha nascido mesmo dela que por sua vez tinha guardado bastante beleza para si talvez a mistura de genes apenas não acerte muito de primeira e não tenha chance de tentar de novo o meu pai era um pouco feio para falar a verdade mas do homem ninguém pensa em culpa porque parece muito que a incumbência de fazer surgir uma criança é inteira da mulher então eu me olhava no espelho e sussurrava pequeno para ninguém ouvir “queria saber como é ser bonita ter as coisas com mais facilidade” -

durante a minha juventude o amor para mim era comprimido que a gente engole rápido para não sufocar com ele entalado na garganta e manda para o fundo do estômago até se dissolver por completo e a gente se esquecer de que o ingeriu e quem eu amei não foi capaz de compreender que era preciso arrancar o meu amor lá do fundo naquele emaranhado de esquecimentos quase revirar os meus órgãos do avesso porque eu aprendi a amar para dentro e a mim não cabia demandar essa tarefa de ninguém -

quando terminei o ensino médio a minha mãe me disse “faça o que quiser da vida” eu queria “trabalhar numa biblioteca gigante” ela retorquiu “isso não” eles me asseguravam “escolha o que goste e vamos te apoiar” então eu divagava “arqueologia” e os dois me mandavam levar o meu futuro à sério até que desisti de resistir porque as coisas que queriam que eu gostasse (abrir as pessoas ainda vivas para olhar as doenças nos olhos e depois cose-las de volta como se nada tivesse acontecido ou fazer amizade com números impossíveis para que eles me dissessem como operar aquelas máquinas monstruosas que perfuravam sem pedir licença até ao meio da terra ou decorar a infinitude de normas escritas já passadas da hora que ninguém se lembrava quem tinha inventado para ir à frente de todos decidir se as pessoas mereciam perdão) eu até poderia fingir (como o fiz) mas era exaustivo demais

por fim eu aquiesci “direito é menos pior” sem imaginar que menos pior já era ruim o suficiente -

então os meus pais me disseram para ir descobrir quem eu queria ser apesar de insistir que sempre soube quem eu era apesar de o encontro comigo mesma me ter sido quase sempre um tanto negado mas eu entendia que era por amor que me mandavam embora

é que começar a ser em outro lugar é cansativo e perigoso é como se eu pudesse existir de verdade apenas na distância no longe no escondido e eu queria ser eu mesma fincada ali naquele solo de onde eu tinha saído eu queria ser eu mesma no perto no conhecimento das pessoas no familiar das coisas ainda que o familiar não fosse muito bom ao menos era meu e pensava por que eu haveria de fugir se me garantiam que a culpa era quase nada minha que fugissem os outros então não entendia por que eu haveria de ir buscar aquele algo muito precioso do outro lado do mundo que não pudesse encontrar em casa por que é que ele se esconderia tanto de mim além do mais eu tinha um medo terrível de perceber que eu seria a mesma coisa em todos os cantos ou que eu não saberia ser em canto nenhum já que partir é apenas uma maneira de descobrir os medos antigos em um novo lugar –

quando eu nasci fiz cumprir a profecia familiar de toda geração da extensa linhagem de mulheres que se chamavam o mesmo e eram inevitáveis e sozinhas e tristes e a pronúncia do meu nome por si só já me era uma sentença eu sabia que era suposta a ser pacífica mas escondida eu travava os dentes retesava os músculos tremia o corpo todo a cólera subia quente e escorria amarga contra a minha vontade pelos meus olhos pela minha boca e eu pensava em fazer uma força enorme de dentro para fora e me explodir inteira para que os meus pedaços transpassassem as coisas como todas as coisas me transpassaram

quando eu morri levei embora comigo a perpetuação do nome e do destino deixei a pouca revolução que quase não fiz mas que resiste e um desejo insaciável do infinito.

58

A cama estava molhada. Ela sentia a humidade morna entranhada nas fibras da roupa, nos lençóis, no pijama, pegajosa, espessa, como uma serpente que, irrompendo-lhe das entranhas, a apertava em constrição, das coxas até ao início das costas. Não valia a pena abrir os olhos para aquele novo dia. O despertador tocara havia mais de vinte minutos, talvez trinta, mas o tempo não interessava. O avançar dos minutos já não importava naquela quinta-feira de manhã. O banho que deveria tomar, o pequeno-almoço que deveria comer, o autocarro que deveria apanhar para o trabalho, a ecografia que deveria fazer da parte da tarde, nada disso interessava depois daquele abraço molhado. Mais um. Outra vez. Permaneceu deitada, de olhos fechados, porque embora soubesse, embora não fosse preciso abrir os olhos e levantar-se para confirmar, dentro de si já não restavam forças para se erguer, sacudir-se da nova queda, prosseguir com a sua vida, tentar novamente e... novamente fracassar.

Ouvia o trânsito lá fora, cada vez mais intenso com a passagem dos minutos. Na paragem que ficava a dez metros da entrada do seu prédio, um autocarro parou, talvez o seu 58, abrindo as portas numa expiração cansada. Dezenas de vidas entraram-lhe corpo adentro, numa repetição dos dias, quando do seu corpo se desalojara mais uma.

O castelo era enorme. Ou pelo menos era enorme para ser transportado para a escola num autocarro cheio. Ela e o filho faziam aquela viagem todos os dias da semana, de segunda a sexta, durante o período de aulas. E aquele trajeto de meia hora, embora feito num sufoco de corpos estranhos, apertados, solavancos, travagens bruscas, com a cidade a desfilar-lhes apressada pelas janelas grafitadas, era o momento alto do dia para ambos, o momento de comunhão simbiótica entre uma mãe e o seu filho de dez anos.

Quando ele começou a fazer o castelo em cartão, seguindo à risca uma fotografia tirada da internet, erigindo perante os seus olhos uma perfeita edificação medieval, uma fuga temporal para a disciplina de História e Geografia, ocorreu-lhe o problema prático do transporte para a escola. Mas perante o empenho dele, o fascínio no olhar ao perceber as suas capacidades, tudo o que poderia vir a fazer usando apenas a paixão e imaginação, todos os detalhes logísticos perderam importância.

Quando entraram no autocarro naquela quinta-feira de manhã, carregando os dois o portentoso castelo, os outros viajantes do 58 foram-se enrolando numa onda para as margens do veículo, deixando-lhes um espaço vazio na zona central, que não tinha bancos. Houve mesmo uma mulher que ajudou a segurar a estrutura de cartão rijo onde o castelo estava edificado, deixando-os a cada um deles uma mão livre para se agarrarem onde fosse possível. O filho, no seu vestido de princesa azul petróleo, com apliques dourados e mangas de balão, dividia o olhar entre a sua obra de arte e o rosto orgulhoso da mãe, que, num sorriso que marcava de finas rugas os olhos e os cantos da boca, percebia em cada detalhe daquele início de dia, que não haveria nada de mais belo do que o transporte de um castelo medieval pelo seu rapaz princesa num autocarro cheio numa manhã de sol.

Era motorista havia mais de quinze anos e nunca tivera um acidente. Nem chapa arranhada. Nada. No início, nem era muito comum as mulheres conduzirem autocarros e alguns passageiros não se acanhavam de mostrar o desagrado quando percebiam que era uma mulher jovem que os levaria, por estradas congestionadas e becos estreitos, nos seus percursos pela cidade. Mas os olhares de desdém nunca a incomodaram e com o tempo foram dimi-

nuindo ao ponto de grande parte dos passageiros do 58 ser quase como uma família para ela. A cada dia, as mesmas pessoas e até aqueles que não se dignavam sequer a lhe desejar um bom dia eram parte integrante daquela família imaginária, que embora fosse uma família barulhenta, fugaz, distante e pouco comunicativa, era uma família mais fácil do que a sua. Sentada ao volante, num constante para arranca, abrir e fechar de portas, entradas e saídas, pessoas animadas, felizes, cansadas, derrotadas e irritadiças, mochilas, colunas a debitar música aos berros e até castelos, tudo parecia de mais valor, de maior substância do que as noites, os fins-de-semana, o abrir da porta para a sua casa. Nunca o admitiria a ninguém, nunca o transubstanciaria em palavras audíveis ou palavras escritas, mas a sua vida era aquela repetição dos dias e não aquilo que tinha em casa. Os três filhos, filhos demais, o marido, marido de menos, já não os suportava. Cada som, cada gesto de cada um deles, encurralavam-na a um canto, empurravam-na para o chão do *Não Querer Ser*. Liderar a expedição diária de todas aquelas pessoas, homens e mulheres, velhos e novos, crianças, bebês, príncipes e princesas, era o motivo de abrir os olhos e sair da cama todas as manhãs. Havia vida nas exalações do veículo, havia vida em cada solavanco, em cada travagem, em cada repetição. Havia vida.

O reflexo no vidro da paragem de autocarro devolveu-lhe o mesmo rosto com o qual se confrontara de manhã cedo no espelho da casa de banho. Tudo nela era patético, fosse o papel de fundo a cidade numa manhã de sol, com os seus transeuntes alienados ou a sua minúscula casa de banho a precisar de obras de remodelação. Ela com o cabelo baço de tanto ser pintado, mas não suficientemente pintado, com raízes cinzentas, como uma ninhada de ratos a dormirem entre os caracóis acobreados. Tudo nela era patético. Ela com o rosto sulcado de rugas e húmido das lágrimas vertidas enquanto se explorava com dedos ansiosos, inexperientes, mas ainda capazes de a conduzirem a uma exaltação que já não era prazer, mas raiva ansiosa, culpa em forma de explosão física, por nunca antes ter sentido nada igual, por nunca o seu ex-marido ou alguém a ter levado a um suspiro de êxtase estrangulado como aquele daquela manhã. Sentia nojo por aquele gemido incontável ter sido emitido por uma velha patética, expulsa da cidade para a margem sul, para um caquético apartamento, uma velha patéti-

ca olhada por todos no escritório como um despojo pré-histórico à espera da reforma ou do despedimento piedoso, uma mulher em farrapos da qual até os filhos se afastaram para longe, além-fronteiras, um ser humano patético por ter de navegar por três autocarros e um barco só para chegar ao trabalho.

Um último esgar àquela que a fitava do vidro da paragem onde o autocarro a largara naquela quinta-feira. Começou a caminhar pela avenida abaixo. O trânsito fluía rápido nas duas faixas que desciam em direção ao semáforo verde no fundo da alameda. Parou, virando-se na direção da estrada e fechou os olhos. Sentia o sol quente a tocar-lhe no rosto, abriu a boca e passou a língua pelos lábios cálidos. Ainda sabiam a sal das lágrimas matutinas. A passagem rápida dos veículos sacudia-lhe a roupa, o cabelo. Uma buzina fê-la estremecer na escuridão dos olhos fechados. Desceu do passeio para a estrada e deu três passos em frente. Quando abriu os olhos, viu os números no topo do autocarro e o olhar assustado da motorista. Uma fração de segundo, um cinco e um oito.

Sansão e Dalila

A mesa redonda da sala estava posta para o jantar. A mãe não gostava de se arrastar para comer na cozinha. Era demasiado tempo longe da sua adorada televisão e o esforço da caminhada também a desmotivava. No vaivém entre a cozinha e a sala, Gracinda observava a mãe de olhar fixo no ecrã de 43 polegadas, como uma enorme parede numa divisão excessivamente mobilada e atafalhada de tralha. Embrulhada nos folhetos coloridos dos supermercados, uma manta de retalhos de mercearias, a mãe estava hipnotizada pelas palavras que saíam da boca do jornalista de orelhas sintonizadas como duas parabólicas.

Percebendo o pousar dos tachos em cima da mesa, a mãe içou-se do sofá, submissa pelo olhar à televisão, seguindo apenas guiada pelo aroma que emanava das panelas. Mas a decepção foi o que bastou para talhar o quebranto lançado pelo olhar do pivot orelhudo. Peixe cozido com batatas e brócolos também cozidos eram o centro decorativo daquela cerimónia de mau agoiro.

— Graci, tu sabes que eu...

O resmungo da mãe foi emudecido pelo desligar do televisor, como um castigo por algum erro perpetrado durante o dia, deixando a mãe a matutar o que teria sido, quais teriam sido as suas falhas que justificassem uma punição tão medonha como aquela: peixe cozido e televisão desligada. Cismava na falha, na fenda, quando o som de uma mulher a cantar ópera trovejou na divisão, roendo até às fundações do edifício.

Gracinda tinha colocado música a tocar no telemóvel e amparada por aquela voz bicuda do além, começou a servir a mãe, uma generosa porção de peixe e de brócolos e dois pedaços de batata, que levaram a mãe a levantar a cabeça do prato na sua direção, num questionamento mudo. A voz da soprano esticando-se pela divisão acabrunhada, reverberando nas paredes, gatinhando pelos tapetes, rastejando pelos móveis acima, pelas pernas acima, entranhando-se em cada nesga de pele, vibrando nas entranhas, era tão absolutista que não sobrava espaço para o reparo sobre a dose diminuta de batatas, sobre o copo cheio de água ao invés do habitual Sumol ou Coca-cola, sobre a falta de pão na mesa.

A mãe regou o *manjar* com azeite em abundância, numa chuvada capaz de provocar inundações, desmoronamentos de diques, formando pequenas ilhas no prato, um ecossistema ameaçado pelo derrame de óleo naquele oceano. A mãe olhava para as ilhas, quando um metrónomo começou a marcar o compassado nos pés das duas, mãe e filha. O vizinho de baixo deveria estar descontente com a banda sonora e martelava o teto com o cabo da vassoura, trazendo um apontamento de percussão a Sansão e Dalila.

— Eu fiz o que pude... Graci... Aos teus olhos... sei... que foi pouco. Mas foi tudo...tudo o que consegui.

Fitaram-se por momentos. Um rosto deformado pela massa adiposa que modelava o crânio, bochechas descaídas que escorriam rosto abaixo, formando profundos sulcos nas laterais da boca, moldando uma permanente expressão cansada e triste naquela cara. Um outro rosto de crânio vestido com finas vestes. Cada detalhe do que deveria estar dentro brotava para fora, cada osso que compunha o rosto em exibição pública naquela galeria de paredes de pele baça e manchada. As duas frente a frente como se fossem o reflexo uma da outra num espelho bizarro de compensações e perdas, retribuições e castigos. As carências de uma, indemnizadas pelos excessos da outra.

Um quantas gotas de água salgada pingaram para dentro do prato da mãe, formando rosáceas transparentes no mar de gordura. Pequenas flores flutuantes a vagarem entre ilhas arrefecidas pelo discorrer do tempo, num oceano de pequenas vagas de vibração, que morriam na praia de batatas e pescada.

«Mon cœur s'ouvre à ta voix comme s'ouvrent les fleurs aux baisers de l'aurore».

Jessye Norman a exultá-las para que respondessem à ternura, derramassem a embriaguez das suas vidas uma na outra. O vizinho à vassourada ao chão, intercalava cada batida com um rugido — «desliguem essa merda». Gracinda pegou no garfo e na faca e começou a separar o peixe em busca de espinhas ocultas, cortando depois as batatas em pedaços simétricos e cada brócolo separado em pequenas árvores.

— Mas aconteça... aconteça o que acontecer... quero que saibas que eu... eu te amo.

A Poesia, a Farpa e o Caminho

Que palavras mais associo a Poesia? Fecho os olhos, concentro-me e deixo-as entrar livremente. Rabisco.

Verso Visual Linguagem Amor Rima

Penso que sou outra pessoa. Que palavras ocorreriam a esse outro eu? Rabisco.

Farpa Ordem Caos Prosa

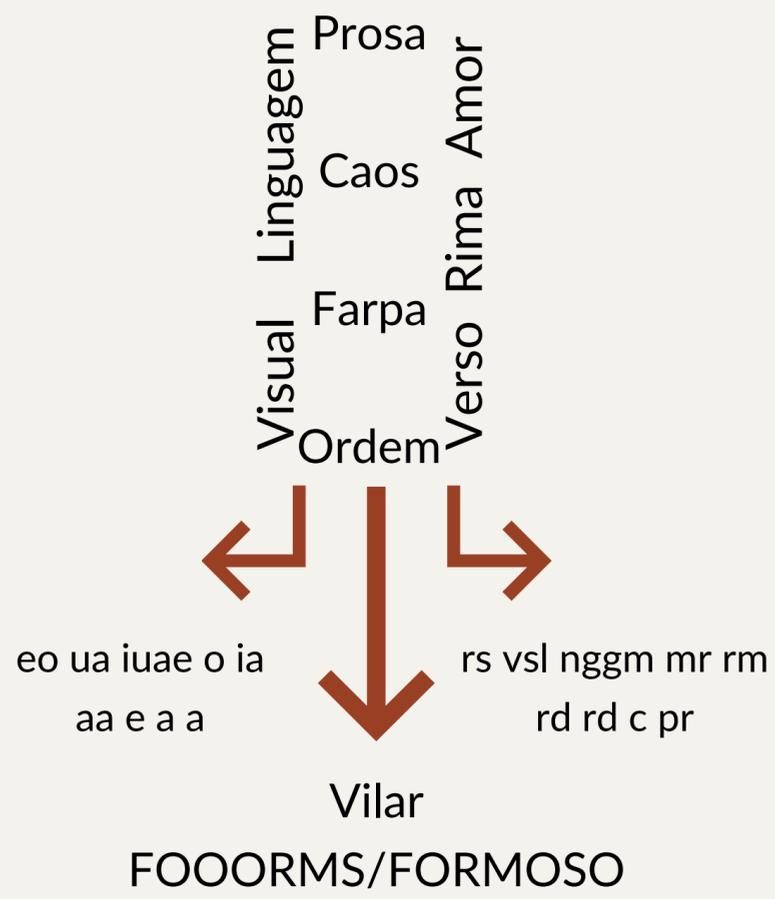
Brinco e desconstruo as palavras dos dois grupos.

No primeiro grupo retiro, alternadamente, a primeira consoante e a primeira vogal das 5 palavras apresentadas (**V**erso **V**isual **L**inguagem **A**mor **R**ima). Obtenho a palavra Vilar.

No segundo grupo, comparo as letras de cada palavra. Reparo que a palavra Farpa é a única que não apresenta a letra **O**. Reservo a primeira consoante da única palavra que não a apresenta (**F**). Reservo todos os **O**s existentes nas palavras escolhidas pelo meu outro eu (**OOO**). Reparo que todas as palavras, excetuando CAOS, tem **R**, pelo que considero R uma letra poderosa. Reservo. Reparo que algumas palavras terminam em consoantes (**MS**) e considero-as letras especiais. Reservo. Obtenho FOOORMS (**F**arpa **O**rdem **C**aos **P**rosa) como conjunto final de letras.

Procuro uma nova Ordem para as letras e encontro a palavra FORMOSO.

Junto Vilar e Formoso e decubro o Caminho para Vilar Formoso, a Fronteira da Paz, a terra por onde entraram, no período da 2ª Guerra Mundial, centenas de refugiados europeus com autorização do então cônsul Aristides Sousa Mendes, entre os quais Heinrich Mann, Natan Buchstab, Antoine de Saint-Exupéry, Ilse Losa.



Apanho o comboio e viajo até 1942...

Vozes com Emoção

Situação A

Trim trim trim...

– Está a tocar o seu telefone, Maria....
Quer que atenda?

A voz de Neusa foi firme, alta e sem emoção... Profissional.

– Não é preciso, obrigada, Neusa! Eu vou lá... É a minha filha, reconheço pelo toque
– respondeu Maria em tom informal.

– Mããae? A palavra foi proferida de uma forma expirada e prolongada.

Como é possível um simples Mãe ser tão revelador? O M denunciou **Medo**, o A pediu **Ajuda** e o E perguntou **E agora?**

– Que aconteceu?

A voz de Maria alterou-se. Soou imperativa, rápida e decidida. Transmitiu a necessidade de se inteirar rapidamente do sucedido para poder agir. Evidenciou urgência. O movimento corporal acompanhou a mudança de voz. O corpo ficou hirto, a face crispou-se e as mãos tremeram.

– É preciso alguma coisa, Maria?

A voz profissional, sem entoação, alterou-se para uma voz preocupada...grave, inquiridora e solidária. O movimento corporal acompanhou a alteração de voz e Neusa pôs a mão, carregada de energia, no ombro de Maria.

Situação B

Trim trim trim...

– Está a tocar o seu telefone, Maria....
Quer que atenda?

A voz de Neusa foi firme, alta e sem emoção... Profissional.

– Não é preciso, obrigada, Neusa! Eu vou lá... É a minha filha, reconheço pelo toque
– respondeu Maria em tom informal.

– Mei! A palavra foi reduzida ao máximo, condensada num único som e lançada para o bucal com urgência.

Revelava **Momentos** **Especiais**
Importantes

De imediato, a voz de Maria alterou-se. Soou cristalina, alegre e descontraída. O corpo acompanhou a alteração da voz, os músculos relaxaram e o rosto iluminou-se num grande sorriso aberto.

– Boas notícias, certo Maria?

A voz profissional, sem entoação, alterou-se para uma voz leve e animada. O movimento corporal acompanhou a alteração de voz e Neusa deu pequenos saltinhos de satisfação.

BIOGRAFIAS

ANA CAROLINA BRAZ

Luso-brasileira, nascida em Minas Gerais, crescida no interior de São Paulo, radicada em Coimbra. Viveu entre pinceis e flores no cerrado brasileiro. Quando criança, divertia-se com criar livros com as histórias que gostaria de ouvir. Queria ser arqueóloga, e seguiu caminho na Psicologia e diariamente desvenda tesouros escondidos sob várias camadas do inconsciente humano. Foi professora universitária e é investigadora. Mergulhou duas vezes na maternidade e, a cada retorno à superfície, a escrita voltou mais viva e forte. Gosta de transformar as letras da sopa de letrinhas em prosa ficcional.

ANA PIRES

Nasceu numa tarde de neve e cresceu em cafés fumarentos. Vive em Coimbra, mas contrariada. Não tem cães nem gatos. Estudou várias coisas, todas diferentes, quase sempre inúteis. Gosta de andar a pé. De esplanadas com finos e tremoços. Dos amigos. De crianças nem por isso. Só de uma. A sua. Sabe andar de bicicleta. Vai ao teatro. Vê filmes de terror quando se sente triste. Acredita que todas as desculpas são boas para ouvir David Bowie. Escreve umas coisitas.

ANDRÉA ZAMORANO

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, mas reside em Lisboa há mais tempo do que na sua cidad natal. Licenciou-se em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa e, atualmente, frequenta o mestrado de Escrita Criativa, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Tem publicado, com regularidade, contos e crónicas em revistas e antologias nacionais e no estrangeiro, mantém uma coluna mensal na Revista Blimunda, da Fundação José Saramago. Lançou o primeiro romance, “A Casa das Rosas”, pela editora Quetzal. A obra foi vencedora do prémio Livro do Ano pela revista Time Out Lisboa e do Prémio da Lusofonia da CPLP. O romance está editado no Brasil pela editora Tinta Negra.

Em paralelo, tem uma carreira na área da restauração. Sendo co-proprietária de alguns estabelecimentos na cidade de Lisboa.

ANDRÉIA MARIANO

Andréia C C Mariano, licenciada em Línguas Modernas e respectiva literatura, mestre em Linguística Aplicada, mestranda em Escrita Criativa, professora e formadora de escritores e docentes. Possui contos publicados nas antologias Transformações e Mundo dos Sonhos.

Instagram: @andreiaccmariano

BÁRBARA VILELA

Nascida e criada em Aveiro, Bárbara Vilela é licenciada em Tradução, adora o que faz e tem uma pequena empresa de tradução. A escrita esteve sempre lá e hoje frequenta o Mestrado em Escrita Criativa, para finalmente tirar os sonhos da gaveta.

BEATRIZ RYDER

Nascida em Lisboa (1999), Beatriz Ryder licenciou-se em Ciências da Comunicação pelo IADE e atentou o foco na escrita com uma Pós-Graduação em Artes da Escrita pela Universidade NOVA de Lisboa (2021). Atualmente, frequenta o Mestrado de Escrita Criativa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Trabalhou como argumentista em projetos de ficção e conta com a publicação de um conto original na revista "AZAR", em Coimbra (2023) e com a poemas divulgados na "Gazzetta Tabaco" (2023), em Lisboa. É também autora de Oficinas de Escrita Criativa para crianças e auxiliou diversos projetos com crianças.

CATARINA CANAS

A aprendizagem da matemática sempre foi uma parte importante da minha vida. Também desde pequena aprendi música. No ano de 2018 e pensando na vertente musical, fui fazer o curso "Como escrever canções" com Adriana Calcanhotto. E aí descobri o poder das palavras: como é giro brincar e jogar com elas, encaixá-las de uma forma matemática ou não, e ao mesmo tempo permitir-lhes transmitir ideias, emoções, sensações, estados de alma. Será poesia? Não sei, para mim é a Matemática das Palavras! O Mestrado em Escrita Criativa foi a cereja no topo do bolo deste processo.

CHICO GUAZZELLI

Chico Guazzelli teve a sorte de ter recebido o nome daquele que viria a ser seu ídolo musical, Chico Buarque. À sua semelhança, Chico adora tomar uma cerveja estupidamente gelada com seus amigos. Formado em Jornalismo pela UFRGS, frequenta atualmente o Mestrado de Escrita Criativa da FLUC. Participou em vários projetos de conto e romances para concursos literários. Não suporta que risquem os (seus) livros. Ao mesmo tempo que decide se dedicar à escrita, Chico encontra também o gosto pela improvisação, dando vida às suas personagens mais engraçadas. Escritor, poeta e improvisador, Chico sonha ainda ter um podcast um dia.

CRISTINA DE CAMPOS

Geocientista brasileira/alemã, ex-professora nas Universidades Federal do Rio de Janeiro, no Brasil, e LMU, na Alemanha (GeoCenter). Membro da Academia Brasileira de Ciências e Sociedade Alemã de Cristalografia e Mineralogia, seus projetos de pesquisa focam na história evolutiva dos antigos continentes de Pangea e Gondwana. Especialista em petrologia, a ciência que decifra a origem e evolução das rochas e minerais. Primeira mulher a finalizar o doutorado em Geologia/Cristalografia (Dr. rer. Nat.) na LMU/Alemanha.

Pseudônimo: tina tannen

<https://www.researchgate.net/profile/Cristina-De-Campos>

FILIPE SILVA

Nasceu num hospital no Porto a 9 de fevereiro de 1999, mas fora essa curta estadia, viveu sempre em Lourosa. Seguindo os passos da família, cedo começou a praticar atletismo, mais precisamente na Lourocoop que, por problemas fora do tartã, extinguiu-se e no seu lugar nasceu a Secção de Atletismo do Lusitânia FC de Lourosa. Paralelamente a esta carreira amadora licenciou-se na vertente de Jornalismo (cobrindo alguns jogos para o jornal Record) do curso de Ciências da Comunicação da FLUP e começou o mestrado em Escrita Criativa lecionado na FLUC. É também fã de animes, mangás, super-heróis e videojogos.

GABRIEL GOMES

Viseu, 1996. Licenciou-se em Teatro - Ramo de Atores na Escola Superior de Teatro e Cinema (Lisboa, 2017). Estreou-se como ator em 2010, no Teatro Viriato, em Viseu. Já foi dirigido por Graeme Pulleyn, Márcio Meirelles, John Romão e Giacomo Scalisi. Fundou a companhia de teatro ArDemente (2016). Publicou as obras Éramos Nós, Uma Arma e Nós (2016) e Antagónico (2022). Fez dobragens para a Netflix e a Sic K. Coordena oficinas de teatro e de escrita pelo país e no estrangeiro. Frequenta, atualmente, o Mestrado de Escrita Criativa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Facebook e Instagram - @gabrielspgomes
E-mail - gabrielspgomes@hotmail.com

ISABEL MAIA

Isabel Maia, leitora compulsiva. É sobretudo na Poesia que se revê, como modo de ser e respirar.

LIA CACHIM

Lia Cachim tem nome de quem quer fugir de seu nome. Licenciada em Filosofia, atualmente integra o mestrado em Escrita Criativa. Multiplica-se em projetos culturais e em poemas dos quais nem sempre gosta. Tem 3 gatos. Gostava de ser um. Tem um livro de poesia publicado em edição de autor e é editora do projeto editorial experimental SUBSOLO, bem como da revista interartes independente AZAR. No contexto de mestrado, tomou a iniciativa de mover as forças para criar a revista Farpa. É também fundadora do festival APURA e, ocasionalmente, curadora de arte.

MATILDE RUSSO

Matilde Russo é licenciada em Jornalismo e Comunicação pela Faculdade de Letras de Coimbra e mestre em Estudos Editoriais pela Universidade de Aveiro. Como se um não bastasse, e porque a escrita foi sempre o motor de todas as suas escolhas, está atualmente no seu segundo Mestrado, desta vez de Escrita Criativa. Sendo uma grande observadora, é também aqui que os detalhes a que está constantemente atenta ganham espaço e se transformam em ficção.

NINNA ABREU

Ninna Abreu, brasileira e brasiliense, é licenciada em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (UnB). Nascida em 1996, escreve, por desconforto e empatia, desde quando a memória alcança. Pretende escrever até não haver o que apontar ou contra o que se revoltar. É também autora da zine de poemas *_De Onde Vêm Os Lobos_* (2021), disponível digitalmente em português e em inglês.

PEDRO ROSÁRIO

Mestrando em Escrita Criativa, formado em Letras e Teatro, trabalha como professor de Literatura para adolescentes. Nascido no Brasil, hoje vive na ventania de Figueira da Foz, com seus gatos, esposa, enteado e filha. Escreve para ver se se perde. Acabou se encontrando.

Instagram – [To_be_or_not_Tobias](#)

Blog – [pedroliteraria.wordpress.com](#)

RAQUEL NUNES

Raquel Nunes nasceu em 1996, no Rio de Janeiro, de um galho envergado demais para os lados da poesia em uma larga árvore genealógica. Filha de pai todo brasileiro e mãe meio angolana e meio portuguesa, cresceu entre as culturas tentando encontrar a si mesma e o seu lugar no mundo. Ao terminar a graduação em Direito e ganhar o concurso literário que a publicou na Bienal do Livro, finalmente assumiu a coragem de deixar tudo para trás e se mudou para Coimbra cursar o Mestrado em Escrita Criativa. Divide-se entre manter vivas suas plantas e o sentimento de que tomou a melhor escolha da vida.

SANDRA ACOSTA

Nasceu em Santos, no Brasil, e vive em Londres, no Reino Unido. É escritora, colagista e podcaster. Graduou-se em Economia, é Mestra em Economia da Inovação e trabalhou por doze anos no Mercado Financeiro até decidir abraçar de vez a escrita. Publicou o livro de crônicas *PRA QUE VARANDA SE A VISTA É FEIA?* (2021) pela Ed. Letramento e o livro de poemas e colagens *POEMAGEM* (2023) pela Ed. Arpillera. Cursa o Mestrado em Escrita Criativa na Universidade de Coimbra e é bolsista Erasmus na University of Roehampton, em Londres. Divulga seu trabalho no perfil do Instagram [@sandramtca](#).

SÓNIA PEREIRA

Desde setembro de 2022, é mestranda em Escrita Criativa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É colaboradora numa clínica de fisioterapia, onde desempenha funções de gestão administrativa. Em 2014, concluiu o Mestrado em Estudos Editoriais na Universidade de Aveiro, com a tese de mestrado «A edição de manuais de boa conduta para mulheres durante o Estado Novo». Desempenhou funções na área de produção cinematográfica e de Teatro, de 1999 a 2003. Concluiu o Bacharelato em Produção de Cinema em Lisboa, na Escola Superior de Teatro e Cinema, em 1999.

TERESA VASCONCELOS

Teresa Maria Vasconcelos é Eng^a Silvicultora pela Universidade de Lisboa e doutorada em Dinâmica de Populações pela Universidade de Orléans. É docente na Escola Superior Agrária de Coimbra lecionando nas áreas da Biologia, Ecologia e Zoologia aplicadas às Ciências Agrárias e ao Ambiente. O gosto pela comunicação oral e escrita tem a impelido para aprofundar conhecimentos nessas matérias tendo realizado cursos de Comunicação em Ciência. Presentemente, encontra-se a frequentar o Mestrado de Escrita Criativa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

1 2



9 0

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA